

AVALIAÇÃO:

27-10-2011

ANOTECEU. DESCANSA CORAÇÃO!

(Novela de Erico Cramer)

232 CAPÍTULO

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

Locutor - Esta característica leva aos vossos receptores mais um capítulo da sensacional novela de Erico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA POR MOMENTOS.

Locutor - Anoteceu. Descansa coração!...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA E CAI EM E/G

Locutor - Ao terminar o vigésimo segundo capítulo desta novela, deixamos a Enó e Assunta, de volta de uma caminhada que haviam feito pela cidade, no quarto da primazeira, na véspera da precipitada partida de ambas para São Paulo. Dona Assunta reclamava a caminhada sem tréguas que a moça lhe fizera dar, rematando por dizer...

ASSUNTA - Vamos chegar em São Paulo mais mortas do que vivas.

ENOÉ - No avião você terá tempo de sobra para dormir e descansar.

ASSUNTA - Dormir no avião?! Eu?! Pois sim!... Vou passar todo o tempo de rosário na mão. Estou lá para o avião se despençar e me atirar no inferno?

ENOÉ - Será possível que você... (corta. Transição) Ué! O que é isto aqui? Um telegrama? (lendo) Senhorinha Enó Berlinck. (Pausa) Telegrama de São Paulo, Assunta.

ASSUNTA - Abra logo, menina. Que gosto mais extravagante de torturar-se a si própria e aos outros!

CONTRA REGRA - RUIDO DE ABRIR TELEGRAMA.

ENOÉ - (abrindo o telegrama) Espere, creatura, tenha calma! Você não vê que eu já o estou abrindo?

ASSUNTA - (depois de pausa) O que foi, menina? Pula.

ENOÉ - Assunta... já não embarcamos amanhã.

ASSUNTA - Você está brincando, menina.

ENOÉ - Estou falando sério, Assunta. Não vamos mais amanhã.

ASSUNTA - Óra essa! Mas por que, afinal? O que diz esse telegrama?

ENOÉ - Luiz Augusto vem especialmente visitar-me e eu preciso estar aqui para recebê-lo.

ASSUNTA - Que Luiz Augusto, menina? Eu lá sei quem é ?

ENOÊ - Óra Assunta, então você não sabe? É aquele rapaz alto, magrinho, filho de um corretor que morava naquela casa bonita do Jardim America onde você foi uma noite me buscar... Aquela casa onde houve aquela festa de aniversário que a Vovó não queria que eu fosse porque não conhecia a família...

ASSUNTA - Sei, sei, estou me lembrando agora. Lembro-me perfeitamente que você bateu o pé e foi, mesmo contra a vontade dela e a minha. (Tom) O que é que vem fazer aqui aquele massarico?

ENOÊ - Pois eu já não lhe disse? Vem fazer-me uma visita.

ASSUNTA - O que ele vem é atrapalhar todos os nossos planos.

ENOÊ - Pelo contrário. Vem favorece-los e muito. Vou me apaixonar por ele de tal forma só para fazer foga a muita gente boa.

ASSUNTA - Menina, menina! Você já se queimou uma vez brincando com fogo. Quer continuar a brincar para queimar-se outra vez?

ENOÊ - Não. Quero deixar alguem bem queimado. Isso é o que eu quero.

ASSUNTA - Então... quer dizer que está resolvido? Não vamo mais amanhã?

ENOÊ - Claro que não. Toca desarrumar as malas outra vez, Assunta.

ASSUNTA - Ah não! Hoje não. Hoje eu não dou mais nada. Tenha paciência mas vamos deixar isso para amanhã. Hoje eu quero é botar a carcassa em cima de uma cama.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - OITO BATIDAS DE RELOGIO, AFASTADAS. BATIDAS DISCRETAS EM PORTA.

ENOÊ - (projetando) Entre.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE E FECHA. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

ENOÊ - Ué! Você em meu quarto? É a esta hora? O que houve ?

IRIS - Nada, minha filha. Não tinha mais falado com você desde que...

ENOÊ - (Depois de pausa) Diga. Desde que surpreendi aquela cena edificante de você e Alexandre. Não foi isso o que quis dizer ?

IRIS - Minha filha... antes de mais nada permita que lhe de bom dia e lhe pergunte como passou a noite...

- ENOË - Eu lhe responderei que passei uma noite ótima e que dormi como um anjinho.
- IRIS - Pois creia que muito me alegro o saber isso.
- ENOË - (*ironia*) Creio, sim. Como não? E que mais quer saber para alegrar-se? Se é verdade que viajo hoje para São Paulo?
- IRIS - Sim... ouvi dizer isso... E pelo que vejo é mesmo verdade. Encontre-a de malas prontas...
- ENOË - Isso não quer dizer nada. Elas serão desfeitas hoje porque a já não vou mais.
- IRIS - (*alarme incontinente*) Não vai mais?!
- ENOË - Não, não vou. Assustou-se por que? Desejava ver-se livre de mim, não é? Imaginou que eu me sentiria derrotada por um simples beijo, e que me afastaria da luta deixando-lhe o terreno livre? Pois enganou-se muito. Enganou-se e muito. Ainda que seja totalmente derrotada, não me afastarei nunca. hei de incomodá-la até o fim.
- IRIS - Minha filha, ouça... É preciso que você abandone essa sua atitude de acirrada inimiga, para que possamos conversar de ânimo sereno e consigamos encontrar uma forma de nos entendermos.
- ENOË - Creio que já estamos mais do que entendidas, mãe. Ambas amamos o mesmo homem e nem uma está disposta a ceder-lo à outra.
- IRIS - Escute, minha filha: eu não o cedi a você porque estou absolutamente segura de que você não o ama.
- ENOË - Só por isso?
- IRIS - Claro que sim. Se eu tivesse certeza de que você o amava tanto eu não do que eu, mesmo sabendo que para você existiria sempre uma esperança atrás da sua renúncia, o que já não aconteceria comigo - que atrás da renúncia encontraria apenas o vazio e o desespero - ainda assim, repito eu teria desistido de Alexandre por você. Mas não o fiz porque tinha a certeza de que o seu amor era apenas um entusiasmo de primeiro instante, uma ilusão breve e fugaz como o sono de todas as meninas da sua idade. Um capricho tolo de fazer curvar-se à sua vontade o corpo de um homem já comprometido.

- ENOE - (mudando de tática e fingindo) Tem razão, sim, mamãe. Tem toda a razão. E eu não devo estar fingindo um entusiasmo e um interesse que não sinto, somente pelo prazer de lhe torturar. É uma maldade que não se justifica e pela qual eu acabaria por arrepender-me amargamente, talvez quando já fosse tarde demais. Quando tivesse talvez arruinado a sua vida ou a minha.
- IRIS - Minha filha! Que alegria tão grande você me dá, ouvindo-a falar assim.
- ENOE - Acordou em mim, finalmente, a voz da razão, mamãe. Em verdade eu não amo Alexandre. A vaidade de não querer ser subjugada por uma outra mulher foi que me levou ao ponto de acreditar que o amava. Mas a derrota que sofri ontem, se foi amarga para o meu amor próprio, foi também benéfica e salutar para o meu coração desorientado e tonto que, numa noite inteira de vigília, encontrou e retomou o seu verdadeiro caminho.
- IRIS - Não fales em derrota, minha filha. Essa expressão não cabe para ti que és uma vencedora. Tu venceste uma árdua e terrível batalha contra ti mesma. Venceste o egoísmo, a irreflexão, a vaidade, a insensatez e a inveja que se abrigavam no teu coração e teimavam desasabidamente em conduzi-lo. Agora posso querer-te sem mágoa, abraçar-te sem ressentimento... beijar-te sem restrições! Voltas a ser a filha querida de outros tempos, a que eu embalei nos meus braços, pequenina, a que eu acompanhei nos foguetes infantis e depois... nas suas graciosas facelrícias de menina, moça. É assim, justamente assim que eu te quero, minha querida. Sensata... refletida... consciente... e sobretudo muito amiga da mamãe que te quer tanto. Vamos, deixa-me abraçar-te e beijar-te com toda a ternura do meu coração. (Pausa Beijo) Mas o que é isso? Estás gelada... trêmula... O que tens, minha filha? Sentes alguma coisa?
- ENOE - (reagindo) Não, não... Não é nada... É a emoção natural deste momento.
- IRIS - Pobre da minha querida. A mamãe vai te trazer um cafésinho quente. Que res?

- ENOC - Não, não. Não há necessidade. Já me sinto refeita.
- IRIS - Que felicidade a minha! E como Deus infinitamente bom!... Quando pensava vir aqui despedir-me e perder-te para sempre. ^{Sei} ~~Eu~~ me restituiu a minha filha, terna, amorosa e boa como era antes!... Não sei como agradecer tamanha graça! Agora... ficaremos juntas para sempre e para sempre amigas.
- ENOC - Juntas? Não sei, minha mãe. Não creio muito.
- IRIS - Como? Tu ainda pretendes partir?
- ENOC - Talvez me roubem de junto de ti.
- IRIS - Não entendo, querida... Explica-te melhor.
- ENOC - Olha este telegrama.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE ABRIR TELEGRAMA

- IRIS - (Depois de pausa) Luiz Augusto? Quem é?
- ENOC - Um rapaz muito distinto de São Paulo. O meu primeiro... e o meu verdadeiro amor!
- IRIS - Minha querida!
- ENOC - Não creio que ele venha unicamente visitar-me. Naturalmente traz alguma outra intenção, que não revela no telegrama.
- IRIS - Sei. Virá pedir-me em casamento.
- ENOC - Estou certa de que é isso também.
- IRIS - E estás também certa de que o amas verdadeiramente?
- ENOC - Não tenho a menor dúvida. Foi tal a emoção e a alegria que senti ao receber esse telegrama que todas as dúvidas foram dissipadas naquele instante.
- IRIS - E quando o recebeste, querida?
- ENOC - Ontem à noite, quando cheguei de rua, encontrei-o sobre a mesinha de cabeceira.
- IRIS - Que bom! Ele foi, como a varinha mágica que num momento te transformou. Como já quero bem a esse rapaz! Oxalá ele seja para ti o marido bom e compreensivo que te desejo, filha.

ENOÊ - Ele não pode ser, sim, mamãe. Você nem imagina que amor é Luiz Augusto. Só sabe dizer sim aos meus desejos. Não tenho dúvidas de que haveremos de ser muito felizes os dois!

IRIS - Deus te ouça, minha filha! Deus te ouça!... Que as lágrimas todas que chorei nos meus momentos de amargura - e que não foram poucas - se transformem em bençãos e sorrisos sobre a sua vida!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CELESTE - Não sei, dona Iris, não sei! Talvez seja cruel e desumano da minha parte, tentar destruir a fé que o seu coração de mãe ingenuamente está alimentando, mas pelo dever de lealdade que sempre me caracterizou sou obrigada a confessar-lhe que não posso crer numa transformação tão rápida.

IRIS - Ela não amava Alexandre, Celeste, e pode compreender isso de um momento para o outro. Não me parece nada de tão extraordinário.

CELESTE - A mim não me convence uma mudança assim tão brusca, em todo o caso. Também não me cabe o direito de levar as minhas dúvidas ao extremo. Ficaremos de guarda, observando, em descrever totalmente mas também sem confiar cegamente. Essa, a meu ver, será a nossa melhor posição.

IRIS - A não crermos que tudo isso fosse verdade, Celeste, a que poderíamos então atribuir semelhante farsa?

CELESTE - Bem, eu... eu não gostaria de ser obrigada a dizer-lhe francamente o que penso, porque... afinal dona Enôê é sua filha e... as mães sempre vem os filhos pelos melhores prismas...

IRIS - Não, não. Eu quero que você seja franca comigo, ainda que seja bem rude e sua franqueza. Sei que você é minha amiga e saberei também compreender que o que puder pensar em desabono de minha filha, será, ainda, em função dessa grande amizade que me dedica. Vamos, fale. Penso que tudo seja uma farsa de Enôê?

CELESTE - É o que me parece. Tenho observado muito sua filha e cheguei a concluir que ela se parece muitíssimo com o pai. É rancorosa e dissimulada como ele o foi. E não aceita nem se resigna a uma derrota. Se

- encolhe na sombra à espera de um momento propício para desfechar o golpe mortal sobre o inimigo que o feriu.

IRIS - Que horror, Celeste! Você faz semelhante juízo de minha filha?

CELESTE - Eu bem não queria falar. Foi a senhora que insistiu...

IRIS - Sim, eu sei. E não estou aborrecida contigo, não te preocupes. Apenas admirada de que possas pensar tantas coisas ruins da pobrezinha.

CELESTE - Que vou fazer? A senhora me pediu que falasse com toda a franqueza... É a impressão que eu tenho. E pode crer que me senti muito satisfeita se pudessem chegar à conclusão de que todas as minhas suspeitas eram infundadas. Infelizmente, porém, confesso-lhe que não alimento nenhuma esperança. E aconselho-a a ficar sempre de pé atrás, esperando um golpe que, a todo o momento, poderá surgir.

IRIS - Bem, Celeste, não vamos pre-lulgar as atitudes de minha filha para não incorrermos na falta de cometer uma injustiça. Aguardemos em silêncio os acontecimentos que hão de vir.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

REBECA - (como que procurando no catálogo) Aéro Porto... Aéro Porto... Aéro Porto... Está aqui, Aéro Porto Federal, Portaria. Dois, vinte e quatro, setenta e quatro.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO E DISCAR CINCO VEZES

REBECA - (depois de pausa) Alô! Do Aéro porto Federal? (Pausa) Por obséquio... A que horas deverá chegar o avião que saiu de São Paulo hoje ao meio dia? (Pausa) Como? (Pausa) Não sei, não senhor. O telegrama não esclarece a companhia. (Pausa maior) O direito chegará às quatro... e que vem do Rio a às cinco? (Pausa) Está muito bem, muito obrigada.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO.

REBECA - Se ele chegar no das quatro, dona Inês está atrozadíssima. Vou avisá-la em seguida.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM

ENOË - Falou com o aéreo porto, Rebeca ?

REBECA - Palei, sim senhora. Vai chegar a um às quatro horas e outro às cinco. O que vem direto de São Paulo é que chega às quatro.

ENOË - E com certeza deve ser nesse que ele vem.

ASSUNTA - Mas então você está atrasadíssima, menina. São três e vinte cinco. Até que você se apronte e cheguemos lá... Um automovel leva bem vinte minutos para chegar ao aéreo porto.

REBECA - Ou talvez até mais.

ENOË - Que horror! Então eu não tenho mais do que quinze minutos para terminar de me vestir. Ajude-me, Assunta, por favor. Você também, Rebeca.

ASSUNTA - Ajuda-la em que, se a sua roupa já está toda aí em cima da cama? Vesti-la por você eu não posso. Você é que tem que sair da frente desse espelho e vertir-se o mais rapidamente possível. Sem que termine essas pinturas não se pode adiantar mais nada.

REBECA - A única coisa é telefonar-se para o ponto e pedir-se um automovel para que ele já esteja aqui na porta no momento de saírem.

ENOË - Sim, sim, é uma boa ideia. Faça isso, Rebeca.

REBECA - Pois não, com licença.

CONTROLE - PASSOS QUE SE AFASTAM - PORTA QUE ABRE E FECHA.

ASSUNTA - Vamos, vamos... Para que tanto empenho de fazer-se bonita para um rapaz que afinal você nem sabe se ama.

ENOË - Como não sei? Sei, sim senhora. Sei que não o amo.

ASSUNTA - E mesmo assim ainda insiste no plano de fingir que está loucamente apaixonada por ele?

ENOË - Insisto, Assunta. E você bem sabe que quando eu delibero uma coisa não volto nunca do mal do caminho.

ASSUNTA - Mas você não tem pena do rapaz? Não se lembra do que o fará sofrer no dia em que descobrir que você não o ama ?

ENOË - Eu lhe respondo com aquele velho ditado, Assunta: Quem tem pena, fica depenado.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FIMDE COM RUÍDOS DE RUÁ QUE PERMANECEM EM B/O

ALEXANDRE - Inspetora de tráfego?

ENOË - Oh, é você? Boa tarde.

ALEXANDRE - Boa tarde. O que faz aqui parada a esta esquina? Espera alguém?

ENOË - Espero meu noivo.

ALEXANDRE - Ah, é verdade... ainda não tinha falado com você depois dessa grande novidade. Permite que a felicite?

ENOË - Pois não. É um direito que não posso negar a um amigo da casa.

ALEXANDRE - Segundo fui informado, você está bastante feliz com esse acontecimento, não?

ENOË - Felicíssima. Luis Augusto é um encanto de creatura. Já o conhece?

ALEXANDRE - Apenas de vista. Tenho-o visto seguidamente em sua companhia. Pensam casar dentro de quanto tempo? Um ano, talvez?

ENOË - Menos. Ele não quer esperar e eu também confesso que não tenho paciência para longas esperas.

ALEXANDRE - Seis meses, então?

ENOË - Menos, ainda.

ALEXANDRE - Três?

ENOË - E ele trouxe apenas um mês de licença e deve regressar dentro de doze dias. Seu desejo maior é que eu já vá em sua companhia.

ALEXANDRE - Como?! Casar-se em doze dias, apenas?

ENOË - Doze, não. Vinte, porque já faz oito dias que tratamos casamento.

ALEXANDRE - Mesmo assim. Em vinte dias uma noiva não tem tempo para coisa alguma.

ENOË - Pois eu lhe afirmo que é tempo mais do que suficiente.

ALEXANDRE - Mas isso é uma loucura que você não deve fazer.

ENOË - Loucura por que? Loucura verdadeiramente loucura era a que eu estive a ponto de fazer mas que, felizmente ainda refleti em tempo.

ALEXANDRE - Você se refere a...

ENOË - (depois de pausa) Precisamente ao que você está pensando.

ALEXANDRE - Pois não vejo grande diferença a da que você vai praticar.

ENOË - Não vê? que falta de modestia, meu Deus!

ALEXANDRE - Falta de modestia por que?

ENOE - Porque Luiz Augusto é outro homem. É um homem em quem se pode confiar. Um homem que sabe o que quer e porque luta. Um homem que quando diz "ano" ama de verdade. Uma creatura a quem uma mulher pode se entregar na certeza de continuar amada indefinidamente.

ALEXANDRE - E eu?

ENOE - Você é o mais indeciso que já conheci em toda a minha vida. Indeciso e insincero o que é muito pior.

ALEXANDRE - Você ainda não me conhece verdadeiramente para poder fazer de mim um julgamento qualquer que não seja precipitado. Eu ainda não tive oportunidade de explicar a você as razões que me levaram a proceder da forma em que você me surpreendeu. Nunca mais tivemos oportunidade de nos falarmos a sós.

JOE - Para quê? Tudo o que me pudesse dizer não alteraria o meu modo de pensar a seu respeito.

ALEXANDRE - Pois afirmo-lhe que está enganada. Quer experimentar? conceder-me essa oportunidade?

ENOE - Não vejo vantagem alguma nisso. Afinal... eu estou noiva e você também. Que interesse pode ter no juízo que eu venha a fazer de você e vice versa? Parece-me que nenhum.

ALEXANDRE - Continua enganada. Indiferente só nos pode ser o juízo das pessoas que nos são também indiferentes.

ENOE - E eu não o sou para você?

ALEXANDRE - Bem sabe que não.

ENOE - Como posso sabê-lo? Bem sabe que só posso julgá-lo pelas atitudes que teve comigo.

ALEXANDRE - Eu gostaria de poder justificar-me mas não aqui. Vamos a uma confeitaria onde poderemos conversar melhor.

ENOE - Já lhe disse que estou à espera de meu noivo.

ALEXANDRE - E não poderia, uma vez ao menos, faltar com ele para dar-me a oportunidade que tanto desejo?

ENOE - Absolutamente. Costumo sempre cumprir o que prometo. (Tom) Olhe! Lá está ele a me acenar da outra calçada.

ALEXANDRE - Deixa-a então, mas... gostaria de levar comigo a promessa de que você iria amanhã ao meu consultório. Posso esperá-la?

ENOÉ - Não sei. Vou resolver esta noite com os travesseiros.

ALEXANDRE - Telefona-me amanhã?

ENOÉ - Talvez. Não lhe prometo nada. Adeus. Luis Augusto aí vem. (afastando-se) Querido, eu fiz sinal que você esperasse que eu já ia atravessar, não precisava você dar-se ao trabalho de vir buscar-me.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

MIMOSA - Meu filho querido, noto-te outra vez tristonho e preocupado. Que se passa contigo?

ALEXANDRE - Não sei, Mamãe, eu mesmo não sei o que se passa em mim e é isso que me desespera.

MIMOSA - Tiveste algum aborrecimento com tua noiva?

ALEXANDRE - Absolutamente. Antes fosse esse o motivo porque então eu já sabia esta ria sabendo que ele depressa passaria. As razões que tenho são muito mais graves e delicadas, mamãe.

MIMOSA - Abre-te comigo, meu filho. Fala. Diz o que te aflige e talvez a mamãe possa aconselhar-te. Tenho procurado sempre ser compreensiva, logo nada deves temer. São os doentes que te preocupam ou é ainda o teu insaciável coração?

ALEXANDRE - Insaciável coração. A senhora disse muito bem, mamãe. Eu acho que o meu mal é justamente esse: possuir um coração que está sempre desejando o que não tem.

MIMOSA - Estás arrependido do compromisso que assumiste com Iris?

ALEXANDRE - Não é propriamente isto, mamãe. É que eu sinto que estou voltando novamente a apaixonar-me por Enóé.

MIMOSA - Não é possível, meu filho. Tu estás ficando louco.

ALEXANDRE - Talvez, mesmo, mas a verdade é que desde que a vi ao lado de outro homem e agora na iminência de pertencer definitivamente a esse homem, não posso deixar de pensar nela com desespero e com um desejo impetuoso de não consentir que tal fato aconteça.

NINOSA - É porque a amas, meu filho e tens medo de perdê-la. Mas porque só agora te apercebas disso? Por que tomaste a resolução de uma escolha, antes de teres certeza absoluta a qual das duas verdadeiramente amavas?

ALEXANDRE - Coisas do coração, mamãe. Coisas que ele nos faz sem que saibamos por que. Às vezes parece, até, que ele sente prazer em judiar com a gente. Ou então se distrae, soltando-nos e prendendo-nos, como faz o gato com o pequeno camundongo, antes de estragá-lo.

NINOSA - O resultado de tudo isso é que a tua pobre noiva vai sofrer imensamente, meu filho. Ela te adora.

ALEXANDRE - Eu sei, mamãe. É justamente isso é que me impede de tomar uma atitude definitiva. Tenho pena dela.

NINOSA - Mas não podes e não deves continuar a enganá-la se tens absoluta certeza de que já não a amas. Amanhã ou depois ela viria a descobrir toda a verdade e além do sofrimento que já não poderias mais evitar e que seria o mesmo, ela teria, ainda, contra ti, a queixa de haveres sido desleal.

ALEXANDRE - Sim, mamãe, tu tens razão. Eu devo ser leal e sincero com a Iris. Ela deverá compreender... terá que compreender... Mas por óra não fale nada a ninguém, sim, mamãe?

NINOSA - Óh, meu filho! Quem vou falar se não saio de casa e ninguém me visita a não ser, uma ou outra vez, a sua noiva? Fique descansado.

ALEXANDRE - Eu sei, mamãe, eu sei. É que eu não quero, pela segunda vez, precipitar as coisas.

NINOSA - Tu sei. Eu compreendo. Tu tens medo, ainda, que o teu coração volte a desejar o carinho de Iris e que ela, duas vezes ludibriada no seu afeto, não queira se as sujeitar a uma terceira decepção. É conveniente mesmo que esperes um pouco mais, auscultes bem os teus sentimentos e depois, então, tomes uma atitude definitiva. (Tem) Mas agora vem jantar que está ficando tarde.

- ENOÉ - (baixo tom) Ele está na saleta verde com mamãe ?
- REBECA - (idem) Está, sim senhora.
- ENOÉ - Espere-o aqui e na hora da saída de um jeito qualquer de entregar-lhe este bilhete sem que ninguém se aperceba.
- REBECA - Sim senhora. Farei todo o empenho.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. ONZE BATIDAS DE RELÓGIO

- REBECA - (lendo, meio tom) Resolvi aceitar seu convite. Estarei amanhã às cinco horas em ^{seu} consultório. Enóê. (Pausa e tom) Este bilhete vai me render bom dinheiro. Hoje mesmo hei de mostrá-lo a dona Iris e ela, por certo, ha de me recompensar muito bem. (Movimento de susto) Han? O que quer de mim ?

- HAROLDO - (voz sussurrada) Era dessa forma que pretendias ajudar-me? Auxiliando-a a afastar minha filha e quem agora incumbi da minha vingança?

- REBECA - (abafada, trêmula e com esforço) Não !

- HAROLDO - (voz sussurrada) Tu não conseguirás, ouviste? Nem tu nem ela! Minha filha ha de vingar-me de vocês as duas. Sim, ha de vingar-me implacavelmente, estás ouvindo?

- REBECA - (idem) Não!

- HAROLDO - (sussurrado) E eu hei de rir às gargalhadas de vocês duas (gargalhada abafada) Hei de rir do esforço inútil que as duas empregarão! (gargalhadas abafadas)

- REBECA - Pare! (ele continua a rir) Pare! (crecendo cada vez mais o tom) Pare, pelo amor de Deus!... (ele continua sempre a rir abafado) Não ria desse modo que me enlouquece! Pare, já lhe disse. Não!... Não!... (dá um grito desesperado de pavor)

CONTROLE - UMA TROVOADA FORTÍSSIMA BEM EM CIMA DO GRITO E LOGO A SEGUIR DA TROVOADA ENTRA COM A CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

FIM DO 23º CAPÍTULO

27-10-2011

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO

(Novela de Érico Cramer)

240 CAPÍTULO

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

Locutor - Esta característica assinala o início de mais um capítulo da novela original de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA E CAI EM B/G

Locutor - Anoiteceu. Descansa coração!...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA E VOLTA A B/G. (EMENDA COM TROVOADAS EM BG.)

Locutor - Ao final do vigésimo terceiro capítulo desta novela, deixamos Rebeca no hall do palacete de Iris Berlinck, aguardando a retirada do doutor Alexandre para lhe entregar um bilhete que Enoc escrevera ao médico, comunicando-lhe que resolverá aceitar o seu convite e que estaria no dia seguinte, às cinco horas, no seu consultório. Num momento de cobiça, entretanto, Rebeca resolvera mostrar, antes, o referido bilhete a dona Iris, na esperança de poder ser muito bem recompensada por ela, justamente no momento em que acabara de deliberar essa miserável traição...

REBECA - (susto) Han? Que quer de mim?

HAROLDO - (voz sussurrada) Era dessa forma que pretendias ajudar-me? Auxiliando-a a afastar minha filha e quem agora incumbi da minha vingança?

REBECA - (abafada, voz sumida) Não!

HAROLDO - (voz sussurrada) Tu não conseguirás o que pretendes, ouviste? Nem tu, nem ela! Minha filha ha de vingar-me de vocês duas! Sim, há de vingar-me implacavelmente, estás ouvindo?

REBECA - (idem) Não!

HAROLDO - (voz sussurrada) E eu hei de rir as gargalhadas de vocês duas! (gargalhada abafada) Rei de rir do esforço inútil que as duas empregarão! (gargalhadas abafadas)

REBECA - Pare! (Ele continua a rir) Pare! (crecendo cada vez mais o tom) Para pelo amor de Deus!... (ele continua sempre a rir abafado) Não ria desse goito que me enlouquece! Pare, já lhe disse! Não! Não!... (dá um grito desesperado de pavor)

CONTRA REGRA - RUIDO DE CAIR UM CORPO AO CHÃO

CONTROLE - UMA TROVOADA FORTÍSSIMA.

CONTRA REGRA - Passos de mulher que se aproximam, apressados.

CELESTE - Meu Deus!... Que terá sucedido a essa menina? Ela tem um bilhete na mão. Vou tirá-lo depressa, antes que chegue alguém. Depois, com vagar verei de que se trata.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS - MULHERES - QUE SE APROXIMAM DEPRESSA.

ENOE - (aproximando-se) Ouvimos um grito horrível!... Que aconteceu?!...

ASSUNTA - Meu Deus!... Essa menina caída... o que tem ela?

CELESTE - Não sei, encontrei-a assim.

ENOE - O doutor Alexandre deve estar aí. Seria conveniente pedir...

ASSUNTA - Eu vou chamá-lo num instante.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MAIS DUAS PESSOAS - UM HOMEM E UMA MULHER - SE APROX.

ASSUNTA - Ele deve ter alguma injeção na sua malinha de emergência que sempre traz com ele.

CELESTE - Não é mais preciso chamá-lo. Ele já está aí.

ALEXANDRA - (aproximando-se) O que houve? Ouvimos um grito horr... (corta. Tom)
Que foi? Que aconteceu a Rebeca?

ENOE - Até agora ainda não sabemos. Quando cheguei aqui já Celeste estava ^{com} ela.

CELESTE - Mas não poderei adiantar-lhe nada, doutor. Ouvi o grito e o ruído do tombo. Corri imediatamente e já a encontrei aí onde o senhor vê.

ENOE - E ela... ela não tinha nada nas mãos?...

CELESTE - Como assim? O que quer dizer?

ENOE - Não, não... Eu quis dizer se ela não teria nada na mão que deixasse cair no momento...

CELESTE - Eu pelo menos nada vi. Se ela tivesse deixado cair qualquer coisa... estaria por aqui... Eu nem sequer toquei...

IRIS - Parem de falar. Não façam confusão. Alexandre, dessa maneira, nem poderá examiná-la direito... É necessário que façam um pouco de silêncio.

ALEXANDRE - Não é nada de maior. Apenas um desmaio. Vamos fazer com que volte a si e talvez ela nos possa dizer o que se passou. Celeste, ajude-me, por favor. Vamos transportá-la para aquele divan.

CELESTE - Pois não, doutor.

ALEXANDRE - E a senhora me faça o favor de trazer um vidro com éter, sim?

ASSUNTA - Como não, doutor. Vou buscá-lo agora mesmo. Bem depressa!

R
CONTROLL - CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE - Ela agora está bem. O pulso está normal... a respiração boa... Penso que o efeito da injeção calmante vai lhe fazer dormir a noite toda.

IRIS - Neste caso, terei que mandar avisar na casa dela que ela irá ficar aqui esta noite, do contrário o pai poderá assustar-se e com razão.

ALEXANDRE - Não se preocupe. Eu me encarregarei disso, antes de voltar para casa.

CELESTE - Será incomodo, talvez, para o senhor, doutor. Eu posso providen...

ALEXANDRE - Incomodo nenhum, Celeste. Não me custa absolutamente nada. Eles moram a duas quadras da minha casa.

IRIS - Então venha, antes, tomar um cafésinho e descansar um pouco. Depois você irá. Celeste poderá ficar um pouco mais com ela, não?

CELESTE - Posso, sim senhora.

ALEXANDRE - Não há necessidade. Ela agora vai dormir assim várias horas.

ENOË - E se a transportássemos para o meu quarto? Ela poderia ficar lá.

ASSUNTA - Para você ficar a noite toda sem dormir? Deixe-se disso. A rapariga está muito bem aí. Garanto-lhe que a cama onde costuma dormir não terá molas tão macias como esse divan.

ALEXANDRE - E não convem, mesmo, que se mexa com ela agora. É preferível deixá-la onde está.

IRIS - Você levou um susto muito grande, não querida? Está pálida...

ENOË - Levei, sim. Aquele grito foi horrível! Tive a impressão de que ela houvesse visto o demônio.

ALEXANDRE - Ela está muito enfraquecida, muito anêmica. Só pelas pálpebras de seus olhos eu pude verificar.

- IRIS - Seu noivo não veio hoje, minha filha?
- ENOË - Veio mas recolheu-se mais cedo. Apanhou um resfriado muito forte e estava com dor de cabeça.
- ASSUNTA - Vamos, menina, vamos para o quarto que você precisa descansar. Ficou com olheiras roxas do susto que levou.
- IRIS - É sim, minha filha, vá repousar. E você, Alexandre, venha tomar o seu cafésinho antes de ir embora.
- CELESTE - Eu posso prepará-lo num momento, dona Iris.
- IRIS - Não, Celeste, obrigada. Eu mesmo o prepararei. Prefiro que você fique aí tomando conta dela. Venha comigo, Alexandre. Vou preparar-lhe um cafésinho bem gostoso.

CONTROLE - HAPEJO RÁPIDO

- CELESTE - (lendo, meio tom) Resolvi aceitar seu convite. Estarei amanhã às cinco horas em seu consultório. Enôê. (Pausa e tom) Creaturinha infame! Traindo a duas pessoas num só tempo. A mãe e o noivo. E esta outra também! Esta outra também é outra infame que assumindo o compromisso de ajudar-nos, estava aqui à espera dela para trair-nos. Este bilhete esclareceu-me tudo num momento. Mas eu aqui estou para defender dona Iris. Não ha de ser tão fácil astraçoarem^{na}~~se~~. Terão que primeiro matar o seu cão de guarda que sou eu. Antes, porém, eu ainda tenho reservada para as duas... uma vingança cruel! Elas querem ser más eu saberei ser pior do que elas!

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL

- ENOË - Porque você não vai deitar-se, Assunta? Eu estou bem.
- ASSUNTA - E eu também estou perfeitamente bem, nesta poltrona. Posso até dormir aqui.
- ENOË - Mas não ha necessidade, creatura. Você vai ficar toda doída da poeira do chão.
- ASSUNTA - Doída nada. Eu posso dormir até em pé. Desde que tenha onde me encostar... Eu sou velha mas sou velha forte, fique sabendo.

ENOÊ - Eu sei que você é, mas fico aborrecida de lhe ver fazer um sacrifício sem nenhuma necessidade. O susto já passou e daqui a pouco eu estarei dormindo.

ASSUNTA - Pois então trate de dormir que eu depois irei para o meu quarto.

ENOÊ - (baixo) É inútil. Só há o recurso de fingir que durmo para que ela saia daqui. É necessário que ela se saia porque eu preciso encontrar aquele bilhete a qualquer custo.

CONTROLE - RÁPIDO HARPEJO.

CELESTE - (chamando muito suavemente) Dona Iris... Dona Iris... (para si mesma) Já está dormindo. Talvez seja melhor. Este bilhete haveria de roubar-lhe a tranquilidade da noite como certamente há de lhe roubar a fé e a confiança que ingenuamente depositou nessa creaturinha hipócrita e malvada que é a sua filha. (Pausa, refletindo) Talvez fosse, até, mais conveniente que eu não lhe dissesse nada. Que guardasse segredo sobre a existência dessa miséria. Que ficasse apenas eu de sobre-aviso, cuidando-lhe mais ativamente os gestos para evitar a traição miserável que ela quer consumir... Bem, pensarei depois como agir. Por ora preciso voltar para o meu posto de guardião da outra infame!

CONTROLE - RÁPIDO HARPEJO.

CELESTE - (aproximando-se, em tom não muito alto) Deseja alguma coisa?

ENOÊ - (susto) Han?! Não, não... Quer dizer... Eu... Eu cheguei aqui para saber como ela estava... Achei-lhe a respiração um pouco ofegante... Pensei que talvez o corpinho estivesse comprimindo-lhe o busto e... estava vendo se conseguia desabotoá-lo.

CELESTE - Eu já tive esse cuidado, dona Enôê. Não precisa a senhora se preocupar. Ela está bem, pode crer. Verá que amanhã, quando acordar, nem se lembrará do que aconteceu.

ENOÊ - E você... não vai descansar? Vai ficar aqui a noite toda?

CELESTE - Por ora não sinto sono. Mais tarde é possível que me deite um pouco.

ENOÊ - Eu também estou sem sono, se quiser... poderemos dividir a tarefa.

CELESTE - Que esperança! Não há necessidade. E depois... mesmo que a houvesse... nem tanto merece essa creatura.

ENOCÊ - Por que fala assim, Celeste? Acho-a tão boasinha... tão dedicada...

CELESTE - Uma grande interesseira é o que ela é. Está sempre do lado que mais lhe renda. Nunca vi ninguém com maior paixão pelo dinheiro.

ENOCÊ - Não me parece tanto, Celeste. Por que diz isso da pobresinha?

CELESTE - Eu tenho razões de sobra para falar assim. Mas não quero dizer nada, por ora. Quero que a senhora se convença da verdade por si mesma. Há de ver que eu não lhe enganei e nesse dia, então, ficará verdadeiramente abismada quando eu lhe contar tudo o que sei.

ENOCÊ - Mas você parecia gostar tanto dela... Pelo menos, na minha frente sempre a tratou muito bem.

CELESTE - Ha creaturas tão perigosas como inimigas, que é preferível fingirmos a vida toda que lhes queremos bem.

ENOCÊ - Que pena! Eu estava plenamente convencida de que Rebeca era uma das creaturas boas que ha no mundo. Em todo o caso... foi muito bom que você me falasse assim. Agradeço-lhe o aviso.

CELESTE - Não tem nada que agradecer. Você talvez tenha algo que me agradecer um dia, mas... não será hoje.

ENOCÊ - Você está tão misteriosa, Celeste. Não gosto das coisas confusas, sabe? Gosto de tudo muito claro e muito explicito.

CELESTE - Também eu, mas infelizmente nem sempre se pode ser clara e explicita.

CONTRA REGRA - BARULHO DE PORTA BEM AFASTADA.

ENOCÊ - Ouviu?

CELESTE - Sim. Pareceu-me uma porta que se abriu. Talvez dona Iria tenha desperado e vana...

ENOCÊ - (corta) Não, não. O ruído foi daqui deste lado. Deve ter sido Assunta para ver se estou dormindo. Deixe-me ir até lá.

CONTROLE - RÁPIDO HARPEJO

ASSUNTA - Que é que você anda fazendo em pé a esta hora da noite, menina?

ENOCÊ - Nada. Acordei-me e fui ver como estava Rebeca.

ASSUNTA - Acordou-se coisa nenhuma. Você nunca esteve dormindo. Fingiu que dormia para que eu me retirasse e você depois pudesse levantar-se livremente.

ENOÊ - Óra, Assunta, que bobagem de descobrir sempre das coisas que eu digo.

ASSUNTA - Conheço-lhe de sobra para poder acreditar em você. Você está preocupadíssima com alguma coisa que está procurando esconder de mim. Dessa preocupação já vem desde a hora em que Rebeca teve o tal chilique.

ENOÊ - Pois bem, já que você percebeu, é verdade, mesmo.

ASSUNTA - Óra se eu lhe conheço! A mim você não pode enganar. Convença-se disso. Mas afinal porque motivo está assim?

ENOÊ - Rebeca tinha na sua mão um bilhete meu para Alexandre quando deu aquele grito e caiu desmaiada.

ASSUNTA - Menina!

ENOÊ - E agora estou preocupada porque o bilhete desapareceu.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOÊ - Rebeca tinha na sua mão um bilhete meu para Alexandre quando deu aquele grito e caiu desmaiada.

ASSUNTA - Menina!

ENOÊ - E agora estou preocupada porque o bilhete desapareceu.

ASSUNTA - Quem sabe ela o guardou no corpinho? Eu posso...

ENOÊ - (cortando) Não, não está, Assunta. Foi justamente o que fui fazer. Por sinal que Celeste chegou e me surpreendeu a mexer-lhe no corpinho. Disfarcei da melhor maneira que me foi possível mas não creio que ela tivesse dado muito crédito às minhas palavras.

ASSUNTA - Ela também é muito esperta para se deixar embulhar.

ENOÊ - E creio mesmo que desconfiou de alguma coisa porque me disse uma porção de coisas exquísitas com referências a Rebeca.

ASSUNTA - Que coisas?

ENOÊ - Sei lá. Tantas, e eu estava tão tonta que já nem me lembro de tudo. Só me recordo de ter dito que Rebeca por dinheiro será capaz de vender a alma ao diabo.

ASSUNTA - Umas fazem isso por dinheiro... outras por amor. Amor ou vaidade, não sei bem.

ENOÊ - Se a indireta é para mim pode crer que eu só faria isso por amor e um amor muito grande.

CONTRA REGRA - TRES BADALADAS ESPAÇADAS

ASSUNTA - O que?! Tres horas da manhã?!

ENOÊ - Não. Esse relógio está com as batidas completamente descontroladas. Pude observar isso hoje à hora do almoço. Também pensei que estivessemos terminando de almoçar às tres horas da tarde e era pouco mais de meio dia.

ASSUNTA - Quer dizer então que deve ser pouco mais de meia noite?

ENOÊ - Mais ou menos isto.

ASSUNTA - Bem, mesmo assim já é hora de descansarmos. Vamos dormir e deixemos os assuntos para pensar e discutir amanhã.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

SIMÃO - Entem quer dizer que eu posso estar tranqüile que a doença da meu filha nom está um coisa grrave?

ALEXANDRE - Absolutamente. Foi apenas um desmaio passageiro. Ela já está medicada e creio que amanhã poderá estar bem.

SIMÃO - Crraças à minha Deus! Velha Simon precisa muito de filha do ele. Ela precisa de trabalho muito parra ajudel a velho papai do ela.

ALEXANDRE - Mas sobre isso eu precisava tambem falar com o senhor. Rebeca está muito fraca, muito anêmica e devia parar uns tempos de trabalhar.

SIMÃO - (alarmado) Farrar de tirabalhei, doctor? Oh nom, doctor, ela pobrezinha nom pode fazer isto. Se ela nom tirabalhei de que vamos viver?

ALEXANDRE - O senhor de um jeito qualquer na sua vida, seu Simão. A menina precisa de um descanso.

SIMÃO - Mas que jeito pode dar velha Simon, um pessoa doente, doctor!

ALEXANDRE - De momento ela está mais doente que o senhor. Ela precisa sair daqui, mudar de ar, descansar do trabalho...

SIMÃO - Mas o senhor nom me disse na principio que nom estava nada do grrave!

ALEXANDRE - Bem, eu disse, mas... é que eu não queria dar-lhe a notícia assim de choque para não assustá-lo, compreende? Mas a verdade é esta: que só o tratamento que pretendo fazer em Rebeca não adiantará grande coisa se ela não tiver repouso e sobretudo mudança de ar.

SIMON - Oh que se eu fosse rico, tudo isso haveria de se arranjar agora mesmo. Mas sou pobre, nada posso fazer...

ALEXANDRE - Eu conseguirei que dona Iris lhe dê umas férias remuneradas e o senhor convencerá a ela de sair um pouco da cidade. Uma temporada de dois ou três meses num sanatório far-lhe-ia um grande bem.

SIMON - Num sanatório? Dois ou três meses? Oh doctor, que fortuna que ia custar! Nem haveria dinheiro para pagar tanta despesa... E depois, como ia ficar eu para enfrentar sozinho a aluguel da casa, o armazém... a pão, a leite e todas as coisas que gente come?

ALEXANDRE - Bem, isso é um problema que o senhor mesmo terá que resolver. O senhor não tem mais duas filhas casadas? Puxe a casa e vá passar uns tempos com uma delas.

SIMON - Filhos ingratos, doctor. Nem querem saber da pai do elas.

ALEXANDRE - Bem, eu já fiz o que tinha que fazer. Já expus a situação. O senhor agora converse com ela e proceda como entender. E eu vou para a casa descansar que já é quase uma hora da manhã e vou ter que levantar muito cedo. Boa noite, seu Simão.

SIMÃO - Boa noite, doctor. Muito obrigado pelo trabalho que a senhor teve.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DOIS HOMENS. PORTA QUE SE ABRE E FECHA A CHAVE. PASSOS ABRASTADOS QUE VOLTAM AO MICROFONE.

SIMÃO - (depois/pausa) Duas meses numa Sanatório! É um fortune que eu não posso gastar! A dinheiro que guardei, uma pouca de dinheiro, como vai gastar com o saúde da Rebeca? Eles que paguem que são ricos, nem eu que está uma pobre duma velho! Sempre os porcarrias da saúde para fazer o gente gastar o que não tive. E depois... se morri, morri, o que vai fazer.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

MIMOSA - Almoçou pouco, querido. Acho que a mamãe já está ficando muito velha... sem paladar... e você já não gosta da comida que ela faz, não é isto?

ALEXANDRE - Óra, mamãe, nem diga uma coisa dessas.

MIMOSA - Você tem insistido tanto em que eu ponha uma cozinheira...

ALEXANDRE - Mas não é por isso, Mamãe. Pelo amor de Deus! Tenho insistido porque não se justifica que a senhora que já trabalhou toda a sua vida, continue - agora que felizmente já não precisa - a lidar com lenha e com panelas tismadas, esfregações de sapólio e outras coisas que lhe fatigam. Se alguém souber que a senhora faz isso, há de dizer em seguida: parece mentira que o filho médico, ganhando bem, não tenha a coragem de botar uma cozinheira em casa para a pobre da velha.

MIMOSA - Mas meu filho, se você me tirar o trabalho, que vou fazer todo o dia em casa sosinha? Sair você sabe que eu não gosto. Nunca fui habituada a andar na rua.

ALEXANDRE - Mas não precisa sair. Pode ficar em casa ouvindo rádio... bordando... fazendo crochet... lendo os seus romances...

MIMOSA - Meu filho, ouve: depois que uma pessoa chega à minha idade sempre e sempre trabalhando, o dia que lhe tirarem o trabalho tiram-lhe a vida.

ALEXANDRE - Bem, a senhora faça como melhor lhe agradar. Eu só não quero que depois digam mal de mim que eu a maltrato, que não me importo de lhe dar conforto, que faço da senhora a minha empregada e outras coisas que sempre dizem.

MIMOSA - Quem poderá dizer alguma coisa de ti, meu filho, se és o melhor dos filhos? Dizerem que não me dás conforto? Só quem não conhecer a minha casa agora, poderá dizer uma coisa dessas. Não está aí o rádio? A vitrola? O refrigerador, o chuveiro elétrico? Nunca tive desses luxos em minha vida e agora tenho... Como poderão falar?

ALEXANDRE - Bem... a verdade é que a minha consciencia está inteiramente tranquila.

CONTRA REGRA - DUAS BATIDAS ESPAÇADAS E AFASTADAS.

ALEXANDRE - Duas horas já? Tenho que ir embora para o consultório. A senhora não teve chamado nenhum durante a manhã?

MIMOSA - Não, não tive. Isto é... - meu Deus, que cabeça a minha! - Eu não sei se será chamado. Recebi um envelope para você e não é que ia me esquecendo de lhe entregar. (Pausa. Movimento de poucos passos) Aqui está.

CONTRA REGRA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL.

ENOI - (sussurrado) Resolvi aceitar seu convite. Estarei amanhã às cinco horas em seu consultório. Enão.

ALEXANDRE - Quando foi entregue esse bilhete, mamãe?

MIMOSA - Hoje de manhã, meu filho.

ALEXANDRE - Mas ele está datado de ontem... deve ser hoje, então, às cinco horas.

MIMOSA - O que é, meu filho? Algum chamado?

ALEXANDRE - Sim, sim... Um chamado para hoje às cinco horas. Bem, mamãe, eu já estou atrasado. Não sei se virei jantar mas lhe avisarei qualquer coisa pelo telefone.

MIMOSA - Está muito bem, meu filho. Vá com Deus.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

IRIS - Então? Como se sente hoje?

REBECA - Um pouco melhor, obrigada. Tenho a cabeça ainda um pouco tonta mas mesmo assim penso que já poderia levantar-me.

IRIS - Para que? Não há necessidade. Quem esteve deitada até às quatro e meia da tarde, fica o resto do dia. Seu pai já foi avisado pelo doutor Alexandre e não se assustará se você não voltar. Há de calcular que você ainda não está completamente boa.

REBECA - Por esse lado eu não tenho maior preocupação. O velho não liga muito

IRIS - Que lhe preocupa então?

REBECA - O serviço. Dona Assunta ficará muito sobrecarregada, principalmente agora que está às voltas com as compras do enxoval de dona Enão.

- IRIS - Um dia só que ela interrompa a sua actividade não tem maior importância. O essencial é que você fique bem boa. Alexandre disse que você está fraca e vai precisar de um tratamento severo. O que foi que você sentiu? Por que gritou?
- REBECA - Nem sei, dona Iris... Penso que tive uma alucinação... nem sei bem explicar... Só sei que senti um pavor tão grande que gritei desesperada. Depois... não sei contar mais nada.
- IRIS - Quando corremos, todos, você estava caída sobre o tapete, desfalecida. Alexandra e Celeste puseram-na sobre esse divã e em seguida fizeram-lhe uma injeção. (Pausa) Naturalmente essa alucinação que você teve já é consequência do seu estado de fraqueza. Hoje Alexandre ha de vir novamente, à noite e farei com que ele a examine outra vez. Si ele achar necessário, vou lhe dar umas férias.
- REBECA - Férias? Mas... eu não posso ficar sem trabalhar, dona Iris. Não posso
- IRIS - Mas também não poderá trabalhar se não tiver saúde. E se lhe digo "férias" é porque pretendo pagar-lhe mesmo que você não trabalhe. (Pausa e tom) Você já tomou o seu alimento da tarde?
- REBECA - Sim senhora. Dona Celeste me trouxe um copo de aveia com leite.
- IRIS - Bem, vou mandar trazer uma campainha aqui para perto de você. Se precisar de alguma coisa é só tocá-la.
- REBECA - Sim senhora, dona Iris. Muito obrigada.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.

- REBECA - (meia voz) Férias. Ela disse que vai me dar férias e vai me pagar. Mas eu precisava era encontrar o bilhete que tinha na mão quando desmaiei. Quem teria se apossado dele? Quem? Dona Iris? Celeste? O próprio doutor Alexandre? Não sei. Não posso saber. E isso me preocupa terrivelmente. Dona Enô não foi, porque hoje, muito cedo, já veio perguntar-me por ele, tão ou mais aflita do que eu. Resta-me somente a esperança de que ele próprio tenha encontrado o bilhete.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CONTRA REGRA - CINCO BADALADAS DE RELOGIO.

ALEXANDRE - Cinco horas. Ela não deve tardar. E eu estou nervoso como um rapazote de quinze anos que pela primeira vez vai encontrar a sua namorada.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE. RUÍDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO.

ALEXANDRE - Alô! (Pausa) Sim, sou eu. Que é que há? (Pausa) Sim, sim, fui eu mesmo que mandei a enfermeira dar essa ordem aí na portaria. Mas há uma exceção, você sabe, não? (Pausa) Como? Ela não lhe disse que viria uma moça procurar-me? (Pausa) Oh, meu Deus, como essa Adelina anda com a cabeça. Amanhã tenho que passar-lhe um sabão. Pois a ordem que eu dei a ela para transmitir a você foi de que deixasse subir apenas essa moça. Para os demais eu não estaria no consultório, entendeu? (Pausa) Bem, bem, não vamos discutir isso agora. Quem é a pessoa que está aí, você conhece? (Pausa) Como? A que mandou um bilhete à minha casa hoje de manhã? (Pausa) Pois é essa mesma que estou esperando. Deixe-a subir imediatamente.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE DESLIGAR O TELEFONE

ALEXANDRE - Essa enfermeira é mesmo uma trapalhona. Quasi que Enocê dá volta da portaria só pela sua falta de atenção ou pela sua estupidez, sei lá. Eu deveria ter passado um pente no cabelo. Mas ainda há tempo. (Pausa) Tenho que convencê-la de romper esse noivado idiota.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA.

ALEXANDRE - Aí está ela, finalmente.

CONTRA REGRA - PASSOS E PORTA QUE SE ABRE.

ALEXANDRE - (depois de pausa - decepção) Como?! Você?!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO

FIM DO 24º CAPÍTULO

Travinho

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!...

(Novela de Érico Cramer)

25º CAPÍTULO

AVALIAÇÃO:

27.10.2011

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

Locutor - Esta característica leva aos vossos receptores mais um capítulo da emocionante novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA E BAIXA

Locutor - Anoiteceu. Descansa, coração!...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA E VOLTA A B/G.

Locutor - No capítulo anterior desta novela, deixamos o doutor Alexandre no seu consultório, ansiosamente à espera da chegada de Enoê, de quem recebe um bilhete, em sua casa, naquela mesma manhã, dizendo que às cinco horas da tarde estaria lá. Ele estava nervoso como um rapazinho de quinze anos que fosse, pela primeira vez, encontrar a sua namorada. E quando a cigarra da porta...

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA.

ALEXANDRE - Ah está ela, finalmente.

CONTRA REGRA - PASSOS E PORTA QUE SE ABRE.

ALEXANDRE - (depois de pausa - decepção) Como?! Você?!...

CELESTE - Eu, sim. Preciso muito falar-lhe.

ALEXANDRE - Você vai me perdoar, Celeste, mas neste momento é absolutamente impossível recebê-la.

CELESTE - O senhor terá que me atender, doutor. É um assunto muito grave, muito importante e de grande interesse para o senhor.

ALEXANDRE - Bem... si é assim entre, mas não poderei dispensar-lhe mais que cinco ou dez minutos de atenção. Estou atrapalhadíssimo.

CELESTE - Com licença.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA. PASSOS DE DUAS PESSOAS

ALEXANDRE - Sente-se. (Pausa) Vale sem perder tempo.

CELESTE - O senhor recebeu hoje, em sua casa, um bilhete de dona Enoê, não foi?

ALEXANDRE - Um bilhete, diz você, Celeste?

CELESTE - Sim. E é inútil negar porque esse bilhete quem o remeteu ao senhor fui eu.

ALEXANDRE - Você? Mas eu não entendo a razão.

CELESTE - Já vai entendê-la. Aquela bilhete eu o encontrei na mão de Rebeca que ~~mas~~ naturalmente aguardava no "hall" a sua saída para entregá-lo furtivamente. Aconteceu o que o senhor sabe e eu, por ventura ou por desgraça, fui a primeira pessoa que cheguei junto dela.

ALEXANDRE - Aposseu-se do bilhete e resolveu brincar comigo, não foi? Dar-me um troço? *(E o que pretendo agora? "divertir-se"?)*

CELESTE - Nada disto, doutor. O assunto não me parece para brincadeiras. Pensei mostrá-lo a dona Iris mas depois, considerando que o fato lhe causaria um pesar muito profundo, desisti da primeira ideia e resolvi utilizá-lo para que o senhor, sem^s saber, me concedesse esta entrevista, a fim de que nós pudéssemos conversar bem à vontade e sem testemunhas. Adianto-lhe que ninguém sabe, lá em casa, que estou aqui.

ALEXANDRE - É o que quer, afinal?

CELESTE - Dizer-lhe que não admitirei que o senhor continue a divertir-se à custa de um sentimento tão profundo e sincero como é o que dona Iris dedica ao senhor.

ALEXANDRE - Você parece que está ultrapassando os limites, Celeste.

CELESTE - Talvez. Mas o senhor não está fazendo outra coisa com referência a dona Iris. E se procurarmos as origens do meu abuso e do seu, parece-me que o meu, pelo menos, tem uma origem mais nobre.

ALEXANDRE - Deixemos de circunlóquios e de considerações que não adiantam ao caso. O que pretende você, afinal?

CELESTE - Exigir que o senhor assuma, com dona Iris, uma atitude digna. Uma atitude limpa e decente. Se ela souber que o senhor e a filha dela se encontram aqui no seu consultório para tripudiar sobre o sentimento que mais a empolga, será para a pobre creatura um choque tão cruel e deshumano que ela talvez não tenha forças para resistir. E nem o senhor, nem dona Enôê, tem o direito de matá-la dessa maneira.

ALEXANDRE - Você não sabe o assunto que tratáramos aqui. Não tem, portanto, o direito de estar imaginando coisas.

CELESTE - Qualquer pessoa que conheça bem a situação, como eu a conheço, só pôde pensar uma coisa.

ALEXANDRE - Não esqueça que ela esteve aqui várias vezes como cliente minha.

CELESTE - Doutor, lembre-se que eu sou uma mulher vivida e sei que fui também uma vítima de exaltada paixão. Sei ao que nos arrasta os sentidos atordoados e do quanto é capaz a baixeza dos homens. Não procure enganar-me porque será inútil.

ALEXANDRE - Está bem. Admitindo-se que eu a tivesse convidado para vir aqui com a intenção preconcebida de propor-lhe as pazes... que teria você a dizer? Que pensaria fazer? Obrigar-me a continuar noivo de Iris, mesmo tendo deixado de amá-la? Obrigar-me a casar com ela mesmo assim?

CELESTE - Não. Isso eu não faria porque o senhor não desistiria de cortejar a outra na sombra e no dia que dona Iris descobrisse, seria para ela mil vezes mais dolorosa a traição do marido do que a traição do noivo.

ALEXANDRE - Mas que quer, então?

CELESTE - Que o senhor proceda decentemente e como ela merece. Que não torne a encontrar-se com dona Enoc durante alguns dias e que nesses dias faça compreender a dona Iris que já não a ama. Ela sentirá, sofrerá muito não tanto quanto sentiria e sofreria se soubesse que estava sendo traído com a própria filha. Logo que seja desfeito o noivado, eu, convencerei de fazer uma longa viagem e na sua ausência, então, o senhor noivará e casará com quem melhor lhe aprouver.

ALEXANDRE - É isso, apenas, o que desejo de mim?

CELESTE - É tudo quanto desejo do senhor. Não lhe peço muito. Um mês e meio ou dois meses, para que a coisa vá se processando mais lentamente e ela aos poucos, vá notando o seu retraimento e a sua frieza.

ALEXANDRE - Está bem. Esperarei os dois meses que me pede.

CELESTE - Obrigada. E sobre este nosso encontro... nem uma palavra a quem quer que seja.

ALEXANDRE - Não se preocupe.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

- CELESTE - Agora que tudo passou, vamos conversar seriamente sobre o que lhe aconteceu. O que estava você fazendo no "hall" quando teve o tal des-
maio?
- REBECA - Eu estava... não estava fazendo nada, dona Celeste... quer dizer...
eu estava à espera de que dona Enôe dispensasse os meus serviços pa-
ra...
- CELESTE - Não minta. Deixe de inventar desculpas e diga a verdade.
- REBECA - Não estava fazendo nada, dona Celeste, afianço-lhe. Eu estava fazen-
do horas, andando pelo corredor, e cheguei até lá.
- CELESTE - É? Estava fazendo horas? E se eu lhe disser que encontrei na sua mão
um bilhete de dona Enôe para o doutor Alexandre?
- REBECA - A senhora encontrou? Eu não podia compreender o mistério do desapa-
recimento daquele bilhete. Se soubesse quanto eu e dona Enôe o pro-
curamos!
- CELESTE - Ela aceitou o convite dele, marcou o encontro mas não foi lá. Por
que?
- REBECA - Justamente porque, como o bilhete desapareceu, teve receio de ser
surpreendida.
- CELESTE - E você, que jurou auxiliar-nos, ia trair-nos miseravelmente, não é?
- REBECA - Juro-lhe que não, dona Celeste. Eu ia entregar o bilhete a ele, é
verdade, mas antes tencionava mostrá-lo à senhora ou à dona Iris.
- CELESTE - E por que não o fez?
- REBECA - Porque me aconteceu uma coisa horrível! Até agora, quando me lembro
daquele momento, fico toda arrependida. Veja.
- CELESTE - Mas o que foi que lhe aconteceu, afinal?
- REBECA - (assustada) Ouvi a voz de seu Haroldo ameaçando-me. Jurando vingar-
se de mim se eu persistisse em ajudar dona Iris.
- CELESTE - Deixe-se de tolices. Quem é que vai acreditar numa coisa dessas?
- REBECA - Juro-lhe que ouvi, dona Iris. Juro-lhe pelo que de mais sagrado pos-
sa haver no mundo.

- CELESTE - Fantacias da sua imaginação. Tolices que você nem havia repetir de tão ridículas que são.
- REBECA - Que vou fazer se a senhora não quer acreditar? Mas só lhe posso repetir que ouvi e dizer-lhe que, de agora em diante, não vou ter mais coragem para cumprir o juramento que lhe fiz.
- CELESTE - O que? Você não pretende mais auxiliar-nos?
- REBECA - Eu queria, dona Celeste. Queria muito, até, acredite, mas infelizmente sinto que não vou ter forças para isso.
- CELESTE - Você vai cumprir o juramento que me fez, custe o que custar. Eu exigio.
- REBECA - Mas dona Celeste, eu sinto que não vou poder vencer o medo. Ele é mais forte do que a minha vontade.
- CELESTE - Mas medo de que, a final, a criatura?
- REBECA - Da vingança que ele prometeu que tomará contra mim.
- CELESTE - Está bem. Pois então você vai ter que escolher entre a vingança dele... ou a minha. Pense e resolva.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

- IRIS - Não sei o que tem você de uns dias para cá, meu querido.
- ALEXANDRE - Não tenho nada, Iris. É desconfiança sua, apenas.
- IRIS - Não, Alexandre, não. Você está completamente mudado. Tornou-se apático... frio... indiferente... Há momentos então em que você foge completamente de si mesmo. Vai para tão longe de mim... tão longe... E de lá... nem a força do meu carinho e da minha ternura conseguem arrancá-lo.
- ALEXANDRE - Quel o qué? Você é que está aí fantasiando coisas.
- IRIS - Antes fosse assim como você diz. Olhe para você e não lhe vejo. Você não está. Ausentou-se. E deixa-se ficar lá distante, onde os meus olhos não conseguem alcançá-lo. Falo... e você me responde. Mas não é a sua voz que me fala. É uma voz diferente... uma voz inexpressiva... fria... uma voz sem aquela tonalidade morna e acariciante que tem a sua voz de verdade.

ALEXANDRE - Que tolice a sua! Eu sou o mesmo de sempre. Você é que me vê com outros olhos.

IRIS - Meus olhos mudaram, na verdade. Tornaram-se mais prescrutadores desde que se aperceberam que existe em você, na sua alma, uma sombra, um mistério, um motivo qualquer que a angustia. Ontem, por exemplo, você estava sentado junto de mim, aqui mesmo neste sofá, como agora, mas tinha o olhar perdido no horizonte infinito da sua imaginação. Eu me aproximei mais de você toquei na sua mão e você teve um estremecimento como se tivesse levado um choque elétrico. Eu lhe perguntei se havia se assustado e você, ainda tão tonto, como quem desperta de um sono profundo, tartamudeou, gaguejando, uma meia dúzia de palavras de desculpa. "Estava cansado", "Tinha trabalhado muito." Estava preocupado com um doente, cujo estado se agravara inexplicavelmente. "Não quis tornar-me importuna e fingi aceitar, como verdadeiras, aquelas banalidades mentirosas."

ALEXANDRE - Banalidades? (irritando-se um pouco) Você ousa chamar de banalidade, na vida de um médico, a pior inexplicável de um doente? Que juízo faz você, afinal, do dever e da responsabilidade de um homem que estudou tantos anos e que jurou aplicar os ensinamentos recebidos na defesa das vidas que lhe fossem confiadas?

IRIS - Óra, querido, o que é isso? Você não está dando às minhas palavras a verdadeira intenção que eu lhes quis imprimir.

ALEXANDRE - (sempre brincando a sua irritabilidade, ainda que procurando conter-se) Não me parece que se possa dar outra interpretação às palavras que você acabou de dizer. Mas você teve razão, em verdade. A razão do meu alheamento era outra.

JELESTE - (em sussurro) Não lhe peço muito. Um mês e um meio ou dois meses para que tudo vá se processando lentamente e ela, nos poucos, vá notando o seu retraimento e a sua frieza.

ALEXANDRE - (em sussurro) Está bem. Prometo-lhe esperar os dois meses que me pede.

IRIS - Fale, Alexandre. Eu estou à espera de que você me diga a verdadeira razão.

ALEXANDRE - (mentindo, mais atropalhado) É que... é que eu errei no diagnóstico que fiz de um doente, entende? E... e deixei que o mal progredisse. Tenho receio, agora, que seja tarde demais para salvá-lo.

IRIS - Mas querido, isso acontece a todos os médicos novos. Não pense que foi só a você que aconteceu. E depois... você não errou por incompetência ou por descaso... Errou, simplesmente: mas o esforço inaudito que estará fazendo, agora, para salvá-lo, será suficiente para redimi-lo do erro que cometeu. Não deve, portanto, permitir que lhe pese demais, na consciência, uma falta que você praticou sem intenção nenhuma. E agora vamos mudar de assunto para que você afaste essa lembrança que o atormenta.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

ENOË - Conseguiu telefonar?

REBECA - Não, dona Enoë. Todas as vezes que me aproximo de qualquer um dos dois telefones, dona Celeste está ali por perto. Eu fico tão sem jeito que já nem sei como disfarçar.

ENOË - E eu precisava que ele estivesse avisado, antes de ir lá.

REBECA - Se eu soubesse onde é o consultório podia chegar lá...

ENOË - Escute uma coisa: aqui por perto não há telefone!

REBECA - Acho que só naquele bar que fica na esquina da praça, a três quadras daqui. Mas eu posso ir lá, se a senhora quiser...

ENOË - Então vá. Vá e avise Alexandre que amanhã de tarde irei ao consultório dele.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

CELESTE - Quería alguma coisa, dona Assunta?

ASSUNTA - Não, no... nada...

CELESTE - A senhora parece tão arisca... volta e mais atravessa o jardim e vai ao portão olhar a rua...

ASSUNTA - O que eu fico sempre muito preocupada quando a menina dimora assim como oggi. Por isso é que eu gosto de sair com ela. Pelo menos sei o que está se passando e não fico aqui nesta aflição horrível, imagi-

CELESTE - Dona Enoc não é nenhuma criança.

ASSUNTA - Má contudo io non gosto que ela saia sousinha. Gosto de ir con ela. Má de uns tempo para cá non sei o que lhe deu na cabeça que chega de tarde e não quere saper de sair acompanhada.

CELESTE - Realmente é uma coisa extranha.

ASSUNTA - Se fosse para andar com o noivo io ainda compreenderia que ela non desejasse a companhia de mais ninguém, má é para compras que ela sai. Nem se encontra con ele... Óra se havia necessidade de io estar agora nesta aflição, toda!

CELESTE - Com certeza está à espera de condução. A esta hora sempre ha muita gente, muito movim...

ESTUDIO - CAMPAINHA DE TELEFONE

CELESTE - Olhe, capaz que seja ela avisando que vai chegar mais tarde.

CONTRA REGRA - POUCOS PASSOS. RUIDO DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO.

ASSUNTA - Pronto. (Pausa) É assunta, sí. (Pausa) Ih, io estava aflitissima por você, menina. Onde é que você anda? (Pausa) Que está na cidade io sei. Stó lhe perguntando onde. (pausa) Malcriada! Óra vegia só: Chamar-me de abelhuda! Você não me respetta mais, é? (Pausa) Iu sei. Você não vem para casa? (Pausa) Como? Vai jantar na cidade? (Pausa) Ai, ai, ai! Io non stou gostando disso. (Pausa) Que você gosta io sê. Você gosta de tudo quanto é lócura. (Pausa) Está bene, está bene, vá. Mas olhe... Non venha muito tarde para casa, ouviu? Não vá esquecer que às oito e meia, nove horas o seu noivo está aqui. Sí. (Pausa) Sí. Até logo.

CONTRA REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

ASSUNTA - Essa menina sempre inventando coisas.

CELESTE - Ela não vem jantar?

ASSUNTA - No. Dize que vai jantar na cidade com umas amigas. Dene, em todo o caso agora io gia estô mais tranquilla.

CELESTE - Bem, então vou mandar servir o jantar porque depois chegam o doutor Alexandre e seu Luiz Augusto, quanto mais cedo estivermos despachadas a melhor será.

ASSUNTA - Si, si. Póde mandar servir o jantar.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOË - Esperava-me?

ALEXANDRE - Ha vários dias. Não pensei que fosse custar tanto a vir.

ENOË - Não me foi possível vir antes.

ALEXANDRE - Sente-se. (Pausa) Mas por que tão longe? Há lugar bastante aqui ao meu lado. Tem medo de mim?

ENOË - Somo noivos, não esqueça. Eu e você.

ALEXANDRE - Que importa isso? Não altera o sentimento de um com relação ao outro.

ENOË - Pode não alterar o nosso sentimento, não discuto, mas não nos dá permissão para expandi-lo.

ALEXANDRE - Como?! Será possível que você - que sempre se mostrou inimiga do preconceito - se deixe agora escravizar pela sua condição de noiva? Não creio. Você nem sequer pensa em casar-se.

ENOË - É o que você pensa. Dentro de oito dias estarei casada.

ALEXANDRE - (vivo) Você não pode fazer isso.

ENOË - Não posso por que? Quem m'o impede?

ALEXANDRE - Eu.

ENOË - (dando uma gargalhada irônica) Você? Essa é ~~ba~~ muito boa!... Com que direito? pode me dizer?

ALEXANDRE - Com o direito do amor que lhe dedico e que sinto que você me corresponde. Não posso admitir que você pratique a loucura de arruinar a sua vida e a minha quando poderíamos ser tão felizes!

ENOË - Foi você que me poz à margem da sua vida, lembre-se disso.

ALEXANDRE - Mas arrependi-me em tempo, felizmente.

ENOË - Tem tempo? Você está bem certo de que foi em tempo?

ALEXANDRE - A não ser que você, para satisfazer o seu amor próprio, resolva sacrificar um afeto tão intenso que os seus olhos não conseguem esconder.

ENOË - Pretencioso! Julga que o amo, é? Pois se os meus olhos lhe dizem isto aceite um conselho que lhe dou: não acredite neles porque eles mentem tanto!... Fingem tonto!...

CONTRA REGRA - RUIDO DE LEVANTAR E ALGUNS PASSOS.

ALEXANDRE - Vou pô-los à prova. Vou olhá-los bem de perto e desafiá-los a que me neguem o seu amor. Frente a frente com os meus olhos, quero ver se eles terão a coragem de me dizer, sem vacilações: "eu não te amo". Vamos... olha-me nos olhos. (Pausa) Assim. Diga agora, sem fugir ao meu olhar inquiridor: Eu não te amo.

ENOE - (segura e forte) Eu não te amo!

ALEXANDRE - (Pausa. Ternura na voz) Repita.

ENOE - (menos segura e não tão forte) Eu não te amo!

ALEXANDRE - (Pausa. Mais ternura, ainda) Uma vez mais.

ENOE - (já insegura, bem mais fraco) Eu... não te amo!

ALEXANDRE - (pausa. Tentação. Quasi em sussurro) E agora... outra vez ainda.

ENOE - (já ofegante) Eu... eu...

PAUSA - para beijo sem ruído, sentindo-se apenas o fremito de ambos ao final)

ENOE - (quasi sem voz, num sussurro) Querido!...

ALEXANDRE - (idem) Meu amor!...

ENOE - Eu te amo! (crescendo sempre) Eu te amo! Eu te amo, sim. Loucamente! ... Apixenadamente! ... Desesperadamente!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA.

IRIS - Não sei o que pensar, Celeste. Ele não veio e não me avisou nada. Que devo pensar? Que posso pensar, Celeste? Diga-me.

CELESTE - Não sei, dona Iris. Confesso-lhe que não sei.

IRIS - Diga alguma coisa para suavizar esta angústia imensa que me assalta, Celeste. Diga-me alguma coisa, pelo amor de Deus!

CELESTE - Que quer que lhe diga, dona Iris?

IRIS - Não sei. Invente qualquer coisa... minta... Diga-me que ele é médico... que os médicos estão sujeitos a imprevistos assim... imprevistos que lhes obrigam a faltar aos seus deveres sentimentais... Pense outras coisas, fale, engendre outras desculpas... Minta, Celeste, minta mas dê-me um bálsamo para esta aflição que me estragalha o peito! (Pausa pesada) Tu continuas calada? Por que? Sabes alguma coisa?

CELESTE - Não, não. Não sei de nada, por ora.

IRIS - Tu estás mentindo, Celeste. Fala. Dê o que tu sabes. Não me cartias!

CELESTE - Não sei, dona Iris. Não sei.

IRIS - Por que, então, esse semblante taciturno? Esse mutismo... esse silêncio? Por que esse olhar de piedade para mim?

CELESTE - Talvez eu me tenha deixado influenciar pelas suas dúvidas, não sei.

IRIS - Ele está diferente, Celeste. Muito diferente. Tu não achas como eu?

CELESTE - Bem... realmente ele não parece mais o mesmo...

IRIS - Tu também notaste, não foi? Mas tudo isso deve ter uma causa que ele esconde de mim. Deve ter um motivo que ele oculta. Ninguém muda sem razão. Ajuda-me Celeste. Não me deixes nesta agonia porque eu não resisto. Ainda que seja para apunhalar-me de morte o coração, quero que me digas o que pensas.

CELESTE - Não, dona Iris. Por ora eu não lhe direi nada.

IRIS - Mas tu não podes me fazer isso. Foste sempre a minha amiga e confiante. Foste a única a quem confiei sempre as minhas dúvidas e os meus temores. Será possível que neste momento até o teu amparo me falte? Que até tu me abandones?

CELESTE - Eu não lhe abandonarei, dona Iris. Só lhe peço algum tempo para investigar sobre as minhas desconfianças. O que apurar de positivo, prometo que lhe contarei.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ASSUNTA - Isso son horas de você voltar da rua, ragazza!

ENOË - Que horas são?

ASSUNTA - Quasi mezza notte!

ENOË - Você acha tarde? Óra, Assunta, nem tanto...

ASSUNTA - Seu noivo cansô de esperar por você e acabô indo embora.

ENOË - Ele esteve aqui? Sabe que eu nem me lembrei que ele vinha!

ASSUNTA - Você deveria estar muito entretida para esquecer-se que tinha que estar aqui para recebê-lo.

ENOË - Ah, estava mesmo. Passei uma tarde e uma noite adoráveis!... Juro-lhe que tão cedo não esquecerei os momentos adoráveis que vivi na tarde de hoje!

- ASSUNTA - E o coitado aqui à sua espéra, yo completamente sin jeito e sôn saber o que lhe dizer.
- ENOË - (rindo-se) Ele ficou muito sangado, Assunta?
- ASSUNTA - Mã naturalmente. Até às nove e meia ele ficou pacientemente conversando comigo e achando que você chegaria a qualquer momento. Das nove e meia às dez começou a impacientar-se e insistir comigo para que lhe dissesse onde você havia ido.
- ENOË - (rindo-se) E você?
- ASSUNTA - Que haveria de lhe dizer se é mimema não sabia?
- ENOË - E depois? Conta.
- ASSUNTA - As dez horas a impaciência começou a aumentar e ele já se mostrava exasperado com a sua ausência. As dez e meia mostrava-se indignado com a sua falta de atenção e a desconsideração com que você o tratava. Parvêllo : Finalmente às onze resolveu retirar-se, dizendo que se você não apresentasse uma justificativa que lhe satisfizesse que estava disposto a romper o compromisso do noivado.
- ENOË - (aborrecendo-se) O que?! Ele disse isso a você, Assunta?
- ASSUNTA - Si disse, si, si. E disse muitas outras coisas que io de momento nem me lembro mais para repetir a você.
- ENOË - Insolente!
- ASSUNTA - Mã Santo Dio! Como insolente? Você, então, acha que ele não teve razão?
- ENOË - Assunta, ligue o telefone para o Hotel, agora mesmo, que eu quero falar com ele.
- ASSUNTA - Que vai fazere manina?
- ENOË - Ligue o telefone para o Hotel, estou lhe dizendo.
- CONTRA REGRA - DISCA CINCO VEZES.
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL FORTE. ABAFANDO OS ÚLTIMOS RUIDOS DE DISCAR.
- ENOË - Ainda acordada, mamãe?
- IRIS - Sim, minha filha. Estava tão arlita com a sua demora. Não podia dormir. Por que demorou tanto? Onde esteve? Com quem jantou?
- ENOË - Encontrei duas amigas de São Paulo que estão aqui de passagem para

Buenos Aires. Foi tão grande a nossa alegria de rever-nos que nos esquecemos de tudo o mais. Estivemos juntas até a pouco, quando elas me deixaram aqui, de automovel, e foram para o Hotel.

IRIS - Seu noivo esteve até tarde à sua espera.

ENOË - Já falei com ele. E justamente a propósito disto, venho fazer-lhe ^{to} uma comunicação muito importante.

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPITULO.

FIM DO 25º CAPITULO

Lacinto

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!...

(Novela de Érico Cramer)

26º CAPÍTULO

falta fl. 12

*AValiação:
27.10.2011*

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

Locutor - A Radio Farroupilha passa a apresentar, neste momento, mais um capítulo da novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA E CAI EM BG.

LOCUTOR - Anoiteceu. Descansa, coração!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA E CAI EM BG

Locutor - Ao findar o capítulo anterior desta novela, deixamos Iris e sua filha Enôê no quarto da primeira que, apesar do adeantado da hora, esperára, até àquele momento, que a segunda regressasse à casa, de onde saíra às primeiras horas da tarde. Aflita e angustiada, não só com a demora da filha mas, principalmente, porque seu noivo não lhe aparecera naquela noite, ao avistar novamente a filha Iris crivou-a de perguntas.

IRIS - Por que demorou tanto? Onde esteve? Com quem jantou?

ENÔÊ - Encontrei duas amigas de São Paulo, que estão aqui de passagem para Buenos Aires. Foi tão grande a nossa alegria de rever-nos que nos esquecemos de tudo o mais. Estivemos juntas até a pouco, quando elas me deixaram aqui, de automóvel, e foram para o Hotel.

IRIS - Seu noivo esteve até tarde à sua espera.

ENÔÊ - Já falei com ele. E justamente à propósito disto, venho fazer-lhe uma comunicação muito importante.

IRIS - Já sei. Casa-se em oito dias e embarca para São Paulo.

ENÔÊ - Não, mamãe. Acabo de desmanchar meu casamento com Luiz Augusto.

IRIS - Como... como foi que você disse?... Você desmanchou seu casamento com Luiz Augusto?!

ENÔÊ - Sim. Neste momento e pelo telefone.

IRIS - Mas minha filha, se ele reclamou alguma coisa você deve concordar que teve toda a razão.

- ENOË - Com razão ou sem ela, acabo de romper meu noivado com ele e pedi-lhe que não me aparecesse mais aqui.
- IRIS - Mas minha filha, você precisa ter calma! Essas coisas não se fazem assim. Você precisa considerar...
- ENOË - (cortando) Só há uma coisa a considerar em tudo isso, mamãe: eu não amo Luiz Augusto e não posso casar-me sem amor.
- IRIS - Mas querida... faz apenas um mez você me declarou estar apaixonadíssima por ele; recorda-se?
- ENOË - Sim, sei que lhe disse isso mas foi apenas uma ilusão que logo se desvaneceu. Eu estava justamente à espera de um motivo para terminar essa farça que já começava a aborrecer-me.
- IRIS - Como você é volúvel, minha querida! Isso se deixa triste e preocupada.
- ENOË - Não sei porque. As criaturas volúveis esquecem com facilidade o que lhes faz sofrer. São, portanto, muito mais felizes do que as outras que não o são.
- IRIS - (depois de pausa, preocupada) Minha filha... diga a verdade à sua mãezinha: não terá sido por um outro rapaz que você terá desmanchado o seu casamento?
- ENOË - Óra essa, que ideia, mamãe! Já lhe disse o motivo: simplesmente verifiquei, ainda em tempo, que não gostava verdadeiramente de Luiz Augusto. Nada mais.
- IRIS - Você será capaz de... (transição) Não, nada.
- ENOË - Diga.
- IRIS - Você... você será capaz de repetir o que disse, olhando firme nos meus olhos.
- ENOË - E por que não? Veja. (firme) Desmanchei casamento simplesmente porque verifiquei que não gostava verdadeiramente de Luiz Augusto.
- IRIS - Quero mais, ainda.
- ENOË - Diga.
- IRIS - Quero que você jure que não foi por causa de outro rapaz.

ENOË - (firme) Juro que não foi por causa de outro rapaz.

IRIS - É verdade. Tenho certeza de que é verdade pela firmeza com que você jurou.

ENOË - E agora você vai permitir que eu me retire. Tive um dia muito agitado e sinto necessidade de repousar.

IRIS - Pois não, minha filha. Vai dormir. (beijo) Que Deus te abençoe, filha querida! Dorme bem e descansa.

ENOË - Obrigada, mamãe. Boa noite.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA

IRIS - Boa noite, querida. (Pausa) Obrigada, meu Deus! Obrigada! Eu tinha um medo tão grande!... Tão grande!... Agora, pelo menos, eu estou descansada neste ponto. Sei que não foi por causa dele!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL VIBRANTE!

ALEXANDRE - O que é isso? Está amuada? Não gosto de ver esse rostinho lindo com tal assento de severidade.

ENOË - Pois está em você fazer com que ele se ilumine por um sorriso de satisfação. Você sabe bem o que espero. Tantas vezes já lhe tenho pedido...

ALEXANDRE - Eu sei, eu sei, mas... é preciso que você tenha um pouquinho mais de paciência.

ENOË - Acha que não a tenho tido? Você exigiu de mim que desmanchasse casamento com Luiz Augusto, depois daquele dia... Pois bem, eu cheguei em casa e imediatamente telefonei para o hotel, desmanchando o meu compromisso com ele.

ALEXANDRE - Eu lhe prometi que faria o mesmo e vou fazer.

ENOË - Mas quando? Primeiro você me pediu trinta dias. Concedi. Depois pediu mais trinta em vista dela não ter sabido interpretar convenientemente o seu retraimento. Concedi também, sob a promessa de que, findo aquele prazo, caso ela continuasse a não perceber eu fingiu que não percebesse, você diria tudo francamente. O prazo se esgotou, ela não percebeu, você não teve animo de dizer-lhe a verdade e já são passados mais vinte époucos dias depois do segundo prazo. As-

Assim... até quando continuaremos nessa situação? E você ha de convir que eu tenha inumeras razões de desejar regularizar a nossa situação.

ALEXANDRE - Compreendo, sim, queridinha. Compreendo o desejo dar-lhe essa alegria o mais depressa possível.

ENOË - Pois não parece. É um protelar sem fim.

ALEXANDRE - Mas você bem viu o quanto ela esteve doente dos nervos. Seria deshumano ferí-la assim bruscamente. Você bem vê que eu tenho feito tudo para que ela compreenda sem que eu nada diga. Cheguei a diminuir-lhe as minhas visitas para duas vezes por semana, sob o falso pretexto de um curso que nunca pensei em fazer. É tão pouco o que lhe dou, ultimamente, que não posso crer que lhe faça assim tanta falta.

ENOË - Você bem sabe que não é por isso. Falo, unicamente, pela necessidade que tenho de regularizar a minha situação. É também porque estou cansada destes encontros furtivos aqui no seu consultório, quando podíamos nos apresentar juntos, em toda a parte e de cabeça levantada.

ALEXANDRE - Pois bem, façamos uma coisa: conceda-me mais quinze dias e prometo-lhe que, ao fim desse prazo, tudo estará resolvido.

ENOË - Aceito a proposta, mas advirto-lhe que será a minha última concessão. E se você, como das outras vezes, não se animar a tomar uma atitude definitiva, eu mesma contarei toda a verdade a mamãe.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

CELESTE - Então? Como se sente hoje?

IRIS - Cada vez mais triste e mais desanimada, Celeste.

CELESTE - Esse é que é o mal. A senhora em vez de reagir contra o desanimo e a tristessa, entrega-se mais em cada uma que passa.

IRIS - O que vou fazer, se não tenho coragem para reagir?

CELESTE - O que vai fazer? Procurar adquirir essa coragem que lhe falta. Hoje, por exemplo, está um dia tão lindo de sol! Por que não se prepará e não vai andar um pouco? Eu irei com a senhora, se quiser... Far-lhe-ei companhia. O que não é possível é a senhora continuar a passar os dias inteiros atirada em cima dessa cama. Esse marasmo acabará por matá-la.

- IRIS - O que acabará por matar-me sem essa dúvida cruciante que tenho dentro de mim mesma e que não me abandona um só momento. E eu tenho pedido tanto a ele que seja sincero! Tanto! Nem sei mais o que possa pensar, Celeste. Sabe que às vezes chego a desconfiar que até você esconde de mim o que sabe?
- CELESTE - Eu? Mas já não lhe prometi, sob juramento, que o dia em que souber de alguma coisa lhe contarei?
- IRIS - Mas já passaram três meses que você me fez esse juramento e até hoje nada.
- CELESTE - Porque nada apurei. A senhora não ha de querer que eu lhe invente uma historia qualquer, somente para satisfazê-la.
- IRIS - Você quer saber de uma coisa? O que me aniquila é justamente esta incerteza em que vivo. Se eu soubesse de alguma coisa... alguma coisa, por exemplo, que espicaçasse a minha vaidade ou ferisse o meu amor próprio, parece-me que seria capaz de sentir forças para uma reacção qualquer. Parece-me que seria capaz de levantar a cabeça e enfrentar a situação.
- CELESTE - Se eu tivesse a certeza de que isso aconteceria...
- IRIS - (Pausa) Seria capaz de contar-me o que sabe?
- CELESTE - Não sei nada, já lhe disse, mas buscaria saber ainda hoje para acabar de vez com essa agonia que a vai matando lentamente.
- IRIS - Pois então faça o que disse. Procure saber a verdade e conte-me tudo. Eu lhe prometo... eu lhe juro... que hei de buscar dentro de mim mesma a força necessária para reagir.
- CELESTE - Aceito a proposta. Hoje mesmo farei o que tive receio de fazer até agora.
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL.
- Uma voz - O doutor teve necessidade de sair um momento mas deu-me ordens de não deixar entrar ninguém no consultório.
- CELESTE - A mim ele está esperando. Pode deixar-me entrar sem nenhum receio.
- Uma voz - Mas ele talvez demore um pouco, minha senhora.

CELESTE - Não tem importancia. Eu esperarei o tempo que fôr necessário. Abra a porta, por favor.

Uma voz - Vou fazer isso sob sua inteira responsabilidade. Não quero que o doutor se aborreça comigo.

CELESTE - Pode fazer- sem nenhum receio. Eu também não gostaria que ele se zangasse comigo.

CONTRA REGRA - RUIDO DE ABRIR PORTA COM CHAVE

Uma voz - Pode entrar.

CELESTE - Obrigada.

CONTRA REGRA - PORTA QUESE FECHA, SEM CHAVE. PASSOS DE MULHER.

CELESTE - Hoje hei de descobrir a verdade toda. Hei de por um ponto final a esta dolorosa situação nem que seja necessário ameaçá-lo de uma denuncia à policia como responsável pela morte do senhor Haroldo. Não é mais possível continuar-se a viver da maneira como estamos vivendo.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE PICA TOCANDO ALTERNADAMENTE, SEMPRE COM PAUSAS IGUAIS ATÉ SER ATENDIDO.

CELESTE - E agora? que devo fazer? Atender ou deixar tocar? (Pausa) Não. Não deixo atender. Suponhamos que seja ele? Mas não, não pode ser. Ele é próprio, sabendo que não deixou ninguém aqui para atender o telefone, não tocaria. Deve ser algum cliente. E a um cliente o que poderia eu responder? Que o doutor não está? E se ele transmite o chamado e fica depois à espera? Ele sabendo lá em baixo que ha uma pessoa aqui, se desconfiar que sou eu não sóbe. Seja lá quem fôr deve ter muita necessidade de falar-lhe. Continua insistindo nas chamadas. Vou atender. Se por acaso ele não voltar, deixar-lhe-ei o recado por escrito.

CONTRA REGRA - LEVANTAR FONE DO GANCHO.

CELESTE - Alô! Consultório do doutor Alexandre Passos.

REBECA - (afastada, filtro) Quem está no aparelho?

CELESTE - Aqui é... Quem está falando é a enfermeira dele.

REBECA - Aqui é a empregada de dona Enô.

CELESTE - (já disfarçando a voz) Pois não. As suas ordens.

REBECA - Dona Enôe manda perguntar ao doutor se deve ir agora ou mais tarde.

CELESTE - Um momentinho que eu vou perguntar a ela.

CONTRA REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE SOBRE A MESA.

CELESTE - (meio tom, para si mesma) É Rebeca. Aquela infâme! Ela é que está se prestando ao desprezível papel de alcoviteira. Por dinheiro é capaz de tudo. Até de vender a própria alma ao diabo. Mas deixa que me has de pagar e bem caro! Tu e éla!

CONTRA REGRA - RUIDO DE PEGAR O FONE DE SOBRE A MESA.

CELESTE - Alo!

REBECA - Pronto?

CELESTE - O doutor manda dizer que ela venha imediatamente.

REBECA - Sim senhora. Vou transmitir-lhe o recado agora mesmo. Passe bem, obrigada.

CELESTE - Passe bem.

CONTRA REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO.

CELESTE - Resta-me, agora, que ela não chegue antes dela.

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO.

CELESTE - Quinze minutos de ansiosa expectativa! É até agora nada.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA.

CELESTE - Quem será?... Ela... ou ele?... Vejamos.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL FORTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA.

CELESTE - Quem será?... Ela... ou ele?... Vejamos.

CONTRA REGRA - PASSOS. PORTA QUE SE ABRE

ENÔE - Como?!... Vê... você?!...

CELESTE - Eu, sim. Entre. Estava precisamente à sua espera.

ENÔE - Alexandre... saiu?

CELESTE - Sim. Mas não deve demorar. Mandou pedir-lhe que esperasse um pouco. Mas entre.

CONTRA REGRA - PASSOS. PORTA QUE SE FECHA COM CHAVE. MAIS PASSOS.

- ENOË - Por que... por que fechou a porta à chave?
- CELESTE - Para que possamos estar à vontade, sem que ninguém nos incomode. Mas sente-se.
- ENOË - Estou bem de pé.
- CELESTE - Como a senhora quizer, mas... acho que o nosso assunto vai ser longo.
- ENOË - Se eu estiver disposta a ouvi-la.
- CELESTE - Acredito que sim. Principalmente... se souber que o que lhe tenho a dizer é do seu interesse. Únicamente.
- ENOË - Está bem, Celeste, mas terminamos de vez com esta situação. O que faz aqui ?
- CELESTE - Estava à sua espera para falar-lhe.
- ENOË - Pois fale, então. Basta de preambulos. Gosto de jogo franco.
- CELESTE - Perfeitamente. É como eu gosto também. Todas as cartas na mesa.
- ENOË - Todas as cartas na mesa.
- CELESTE - Que faz a senhora aqui?
- ENOË - Vim encontrar-me com Alexandre.
- CELESTE - Ele ainda é noivo de sua mãe. Não se lembra disso ?
- ENOË - Não importa. É a mim que ele ama.
- CELESTE - Está... inteiramente certa do que afirma?
- ENOË - Certíssima. Está apenas à espera de que ela compreenda a verdade, desfaça o compromisso para depois então casar-se comigo.
- CELESTE - E se ela... se resolver a não devolver-lhe a palavra?
- ENOË - Eu tenho um trunfo na mão que há de obrigá-la a entregar-me a partida.
- CELESTE - E se eu lhe disser que tenho também um trunfo na escondido que o obrigará a casar-se com ela?
- ENOË - Vencerá o que tiver o trunfo mais forte.
- CELESTE - Quer resolver a partida agora mesmo?
- ENOË - Por que não? Meu trunfo é de ouro.
- CELESTE - Vale, então. A saída é sua.
- ENOË - Alexandre... é pai de um filho meu que vai nascer.

CONTROLE - ACORDE VIOLENTO E SECO EM CIMA DA FRASE ANTERIOR, SEM CORTAR A CENA.

ENOË - (depois de pausa) Jogue você agora. É a sua vez. (argalhada)

CELESTE - (depois de pausa) Pois bem... meu trunfo é de espada.

ENOË - (ironica) Mostre-o. Pode ser que ainda me ganhe a partida...

CELESTE - (grave, lenta e bem marcada) Seu amante... é o assassino de seu pai!

CONTROLE - REPETE O ACORDE ANTERIOR, EM CIMA DA FRASE, SEM CORTAR A CENA.

ENOË - (choque) Não!...

CELESTE - É o assassino de seu pai, repito.

ENOË - Não é verdade. Não pode ser verdade. Você está dizendo isso unicamente para me fazer sofrer. Meu pai não foi assassinado. Morreu de uma enfermidade antiga.

CELESTE - É o que a senhora pensa. É o que todos pensam. Até sua própria mãe. Mas eu sei de tudo porque... porque o ajudei. E tenho ainda comigo, bem escondidas, as duas ampoules, vazias, das injeções que ele mandou fazer para matá-lo.

ENOË - E por que ele fez isso? Por que?

CELESTE - Porque amava desesperadamente sua mãe e queria casar-se com ela.

ENOË - Celeste... o momento não comporta dissimulações. É grave. Gravíssimo para todos nós. Em nome de tudo aquilo que você mais ama neste mundo, reponda o que lhe vou perguntar: é verdade o que você acabou de dizer?

CELESTE - Juro-lhe pela memória de minha mãe... (caindo, dor profunda) E pelo filho que perdi. E estou disposta a repetir tudo o que disse na frente dele... e da polícia.

ENOË - Não, não... pelo amor de Deus, não! *minha* Sua pobre mãe morreria de desgosto e eu seria também uma assassina.

CELESTE - Sei bem o destino que me aguarda se confessar a minha participação nesse crime mas mesmo assim estarei disposta a enfrentar todos os castigos para que a senhora creia que estou lhe dizendo a verdade.

ENOË - Não é preciso que diga mais nada, Celeste. Acredito em você. E desculpe-a também da sua fraqueza porque sei que você a praticou pelo bem de mamãe.

CELESTE - Seu pai a mataria pelos maus tratos que lhe dava e entre uma creatura sã e outra enferma e irremediavelmente perdida, achei que seria mais lógico que a segunda desaparecesse.

ENOË - (depois de pausa) Que horror, meu Deus!... Meu filho... filho do assassino de meu pai.

CELESTE - (depois de pausa) Que vai fazer?

ENOË - Não sei. Estou completamente desorientada. Quero pensar e os meus pensamentos se embaralham e se ~~se~~ confundem e eu não consigo fixar-me num só e acompanhá-lo até o fim.

CELESTE - Quer aguardar que ele volte para esclarecer qualquer coisa?

ENOË - (horror) Não, não, Celeste. Não quero mais vê-lo.

CELESTE - Pois então tratemos de sair imediatamente daqui, antes que ele chegue.

ENOË - Sim, sim, Celeste, vamos. Vamos para qualquer parte mas não fiquemos aqui nem mais um minuto.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL VIOLENTA. FUNDE COM RUÍDOS DE RUA, UM POUCO AFASTADOS E PASSAROS MAIS PRÓXIMOS FAZENDO TUDO FUNDO AO DIALOGO QUE VAI SEGUIR

CELESTE - Vamos, dona Enoë. Já está quasi noite e não convem que fiquemos aqui no meio deste parque que, depois de uma certa hora, é muito mal frequentado.

ENOË - Se eu pudesse, Celeste, nem entraria mais naquela casa. Não tenho nem coragem de olhar para mamãe.

CELESTE - São só mais dois dias. Amanhã mesmo a Senhora mandará Assunta providenciar as passagens e voltará para São Paulo. Lá, já mais distante e com mais calma, resolverá melhor se deixará ou não seu filho nascer. E quanto ao mais já sabe. Guarde silencio absoluto para quem quer que seja e confie em mim. Farei o que estiver em meu alcance para auxiliá-la.

ENOË - Obrigada, Celeste. Confio em você.

CELESTE - E agora vamos tomar um taxi que já é tarde.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRÁGICA.

ASSUNTA - O que é que você tem, menina? Que cara é essa?

- ENOË - Não me fale nada agora, Assunta. Deixe-me quieta. E apague a luz, por favor. Quero pensar no escuro, sem avistar nada do que me rodeia.
- ASSUNTA - Madonne Santa! Você me assusta, menina. Está desfiguradíssima! Com olheiras profundas... - Que lhe aconteceu?
- ENOË - Já lhe disse que por ora não desejo falar em nada do que sucedeu. Faça o que eu lhe pedi. Pelo amor de Deus, apague essa luz.
- ASSUNTA - Está bene. Está bene.

CONTINUA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. RUIDO DE CHAVE DE LUZ. PASSOS VOLTAM.

- ENOË - Agora deixe-me só, Assunta.
- ASSUNTA - Ah nó nó ... Isso tenha a santa paciência, mas não faço. Você está com uma cara de assustar a gente. Sei lá o que você será capaz de fazer susinha aqui?
- ENOË - Ora, Assunta, que tolice!
- ASSUNTA - Não saio, já disse. Daqui não saio e daqui ninguém me tira.
- ENOË - (suspiro resignado) Está bem. Fique, então, se lhe apraz...
- ASSUNTA - E fico mesmo. Desde que você chegou que não notei uma resolução firme no seu olhar. Se sair daqui não estarei tranquila.
- ENOË - Quando eu digo que você enxerga o fundo da minha alma, Assunta... Mas não se assuste. A resolução não é a que você está imaginando.
- ASSUNTA - Qual então? Vámo, diga para a minha tranquilidade.
- ENOË - A minha resolução é a de partir amanhã mesmo para São Paulo.
- ASSUNTA - Outra vez?
- ENOË - Sim, mas desta vez em caráter inadiável e definitivo. Penso que nunca mais voltarei aqui.
- ASSUNTA - Mas por que tudo isso, menina? (Pausa) Vámo, fale. Você não tem confiança na velha Assunta, não sou sua amiga?
- ENOË - Tenho, Assunta, mas eu não quero falar agora do que me aconteceu. Foi tudo tão horrível!...
- ASSUNTA - Oh! mio Dio, menina! Como não isto aflita de lhe ver assim
- ENOË - Mas acalme-se, Assunta. Acalme-se porque eu vou precisar muito de você. Trate de apressar as nossas malas e amanhã, bem cedo, vá arranjar passagem no primeiro avião. Preciso sair daqui o quanto antes.

- IRIS - (choque) Um fi... um filho dele?!
- CELESTE - Sim. Ela mesma me contou toda a verdade!
- IRIS - (depois de pausa, com profunda angustia) E essa mulher, Celeste? Essa mulher quem é?
- CELESTE - Essa mulher...
- IRIS - (pequena pausa, aflição) Vamos, Celeste, fale. Essa mulher quem é?
- CELESTE - Essa mulher é...
- CONTROLE - CARACTERISTICA FORTE PARA FINAL DO CAPITULO

FIM DO 26º CAPITULO

Larinho

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!...

(Novela de Érico Cramer)

27º CAPÍTULO

AValiação:
27.10.2011

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

Locutor - A rádio Farroupilha passa a apresentar, neste momento, mais um capítulo da emocionante novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA E CAI EM BG

Locutor - Anoiteceu! Descansa coração!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA SOBRE E CAI NOVAMENTE EM BG.

Locutor - No capítulo anterior desta novela, deixamos Iris e Celeste precisamente num momento emocionante. Celeste acabava de regressar do consultório do doutor Alexandre, onde tinha ido sob o pretexto de descobrir a razão do retraimento do jovem médico com sua noiva, Iris, ansiosa, perguntava à sua amiga e dama de companhia...

IRIS - Mas então? Vale logo, Celeste. Diga o que apurou. Você não vê que estou morrendo de ansiedade?

CELESTE - Apurei que... que há realmente uma outra mulher na sua vida!

CONTROLE - ACORDE AGUDO E SECO EM CIMA DA FRASE, SEM CORTAR A CENA.

IRIS - (depois de pausa, sucumbida) Era o que eu imaginava!... (Nova pausa) E... e quem lhe contou tudo isso?...

CELESTE - Essa própria mulher... que espera um filho dele!

CONTROLE - NOVO ACORDE TRÁGICO, EM CIMA DA FRASE, SEM CORTAR A CENA

IRIS - (choque) Um fi... um filho dele?!...

CELESTE - Sim. Ela mesma me contou toda a verdade!

IRIS - (Pausa. Angústia) E essa mulher, Celeste? Essa mulher quem é?

CELESTE - Essa mulher...

IRIS - (Pequena pausa. Aflicção) Vamos, Celeste, fale. Essa mulher quem é?

CELESTE - Essa mulher é... é uma antiga enfermeira dele com quem ele já vive há alguns meses.

IRIS - (Pausa. Sucumbida) E agora, Celeste? Que faço? Que devo fazer diante dessa desgraçada tão grande que se abateu sobre os meus ombros?

CELESTE - Terá que mostrar-se forte e corajosa. Foi isso, pelo menos, o que me prometeu.

IRIS - Sim, sim... é o que eu devo fazer. (chorosa) Reagir... levantar a cabeça... esquecer... Não me lembrar nunca mais desse homem... Desprezá-lo... Odia-lo... Esquece-lo...

HAROLDO - (bem no fundo do estúdio começa a gargalhar sem encerrar)

- IRIS (assustada) Estás ouvindo, Celeste? Está ouvindo?
- CELESTE - O que dona Iris?
- IRIS - Não ouves as gargalhadas dele?
- CELESTE - Dele quem, dona Iris?
- IRIS - As gargalhadas de Haroldo. Ele ri de mim. Escarnecendo a minha decepção!
- CELESTE - Vamos, dona Iris, que é isso? Acalma-se. Não ha gargalhada nenhuma. É uma impressão sua.
- IRIS - Ele está rindo de mim, eu sinto. Eu ouço nitidamente as suas gargalhadas de escárnio.
- HAROLDO - (aproxima dois passos da distancia em que estava e continua a rir)
- IRIS - Tenho até a impressão de que as ouço mais alto. De que elas estão mais perto...
- CELESTE - (severa) Dona Iris, reaja. Que é isso? Então vai se deixar dominar por uma tola impressão? Como ha de ouvir as gargalhadas de um morto? Então não compreende que isso não é possível?
- IRIS - Mas eu as ouço, Celeste. Juro-te que as ouço!
- HAROLDO - (aproxima mais dois passos e continua a rir)
- IRIS - Cada vez mais próximas... cada vez mais nítidas!... É ele, não tenho dúvidas. É ele que ri de mim, da dor cruciante que estou sofrendo. Do desespero horrível em que me debato, da profunda humilhação que me tortura!...
- CELESTE - Vou preparar-lhe um calmante e a senhora vai melhorar logo.
- IRIS - (surto) Não, por favor! Não me abandones. Não me deixes sozinha com esse homem! Não me deixes que eu não quero ficar sozinha com ele! Tenho medo, Celeste. Tenho medo!
- CELESTE - Mas que homem, dona Iris? Que homem se não ha mais ninguém aqui do que a senhora e eu?
- IRIS - Eu não vejo mas sei que ele está aqui. Ouço-lhe as gargalhadas. Elas se aproximam cada vez mais. Veja. Veja como tenho a pele toda arrepiada!...
- HAROLDO - (GARGALHADAS AGORA PERTO. RI SEMPRE. SEM PARAR)
- IRIS - Não ouve agora? Agora ele está aqui. Está bem perto de mim. (vai crescendo) O som das suas gargalhadas já me fere os ouvidos. Parece que me rasga os tímpanos. São gargalhadas que ferem. São como punhais que rasgarem a minha carne. (aos gritos desesperada) Pare, Haroldo, pare! Pelo amor de Deus você me enlouqueceu!... Tenha pena de mim! Já sofri

- demais! Já paguei todas as torturas involuntárias que lhe fiz viver!
- CELESTE - (farte) Dona Iris, reaja, dona Iris, vamos!
- IRIS - (gritando, como louca) Pare, pelo amor de Deus! Chega de rir! Chega! Eu não posso mais ouvir as suas gargalhadas!... Você me mata, Haroldo! Você me mata!... (desata a chorar desesperadamente, confundindo-se o pranto com as gargalhadas de Haroldo)
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRAGICA E FORTE. COBRE GARGALHADAS E SOLUCOS
- ENOË - O médico veio, Celeste?
- CELESTE - Sim. Não faz muito que saiu.
- ENOË - O que foi que ele achou do estado dela?
- CELESTE - Ele pensa ser, ainda, uma consequência de tudo o que ela sofreu com seu pai. Casualmente, foi ele o médico de seu Haroldo antes do doutor Alexandre entrar nesta casa. Foi ele, até, quem o mandou uma ocasião em que esteve doente, e não pôde atender a um chamado que lhe fizemos. Nem sonha, sequer, que foi ele próprio quem mandou a desgraça para dentro desta casa.
- ENOË - Você... você contou tudo a ela, Celeste?
- CELESTE - Quasi tudo, isto é... contei tudo, ocultando apenas que a outra éra você. Seria duplamente doloroso para ela, você compreende...
- ENOË - É claro. Será melhor que o ignore sempre.
- CELESTE - Também me parece.
- ENOË - Pedi a Assunta que fosse ficar um pouco com mamãe e lhe mandasse aqui, porque precisava falar com você a respeito da minha viagem. Você acha que poderei ir mesmo amanhã com mamãe assim?
- CELESTE - Acho que pode. O doutor disse que todo o mal de dona Iris é um exgotamento nervoso e que com um grande tratamento tônico e repouso, ela em pouco tempo estará curada.
- ENOË - Mas e como justificaremos a minha partida precipitada? Já pensou nisso?
- CELESTE - Sim. Dir-lha-ei que você recebeu carta de sua avó dizendo-se doente e que, preocupada por ela estar lá sózinha, resolveu ir acompanhá-la por algum tempo. Que não se despediu dela para evitar-lhe uma rova emoção. E você, sempre que escrever, fará alusão à suposta doença de sua avó.
- ENOË - É uma desculpa razoável, sem dúvida. E a ele? Já pensou o que lhe vai dizer para justificar a minha ausência?

- CELESTE - Eu não. E nem pretendo dizer-lhe nada. Você é que deveria deixar-lhe uma carta, dizendo que se arrependera do que fizera, a seu noivo e que aceitara um pedido de reconciliação que ele lhe mandara, partindo ao encontro dele para casarem-se imediatamente.
- ENOÉ - Sim... você tem razão, Celeste. E sabe que a sua ideia não deixará de constituir uma pequenina vingança para mim?
- CELESTE - Claro que sei. Foi justamente por isso que pensei nela. Ele deve sofrer, também. Precisa sofrer. Não não de ser só você e sua mãe que não de ficar com os espinhos cravados no coração. A ele também deve tocar algum.
- ENOÉ - Mas... e se ele correr atrás de mim? Se for procurar-me?
- CELESTE - Você... seria capaz de perdô-lo e voltar a querê-lo?
- ENOÉ - Não, Celeste, nunca! Embora não amasse a papai com amor de filha extrema, jamais seria capaz de unir-me ao homem que o matou. Já basta o horror que tenho só de me lembrar que pertenci a esse homem e que traço dentro de mim mesma, queimando-me a carne como uma blasfêmia, o fruto desse amor duas vezes criminoso.
- CELESTE - Pois bem, se você não o quer... é fácil desviá-lo. Pode acrescentar na carta que partiu inesperadamente porque ele embarcaria para a Europa, onde se demoraria muito tempo, e que você tencionava acompanhá-lo.
- ENOÉ - Sim. É isto mesmo que vou fazer. (Pausa) Assunta já arrumou novas malas, você viu?
- CELESTE - Sim, eu reparei. Bem, agora volto para junto de sua mãe, para que dona Assunta venha descansar um pouco. São quasi cinco horas da manhã e ela vai viajar às onze.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

- REBECA - Bom dia dona Celeste.
- CELESTE - (seca) Bom dia. Onde você vai?
- REBECA - Vou por o meu uniforme para começar o serviço.
- CELESTE - Não. Você está dispensada a partir deste momento.
- REBECA - Como?!... Eu... eu estou dispensada?
- CELESTE - Não me ouviu dizer? Quer que lhe repita mais alto o que disse?
- REBECA - Mas... mas por que, dona Celeste? O que foi que houve?
- CELESTE - Houve uma coisa terrível que poderia ter sido evitada se você fosse uma criatura honesta e decente e soubesse cumprir a sua palavra.
- REBECA - Mas... eu não estou entendendo...
- CELESTE - Eu lhe farei entender, num momento. Se em vez de servir de alcoviteira aos amores de dona Enó e do doutor Alexandre, tivesse vindo a mim contar que eles se encontravam no consultório dele, teria evitado uma desgraça.

- REBECA - Mas eu... eu nunca ajudei dona Enô nesse particular, dona Celeste.
- CELESTE - Deixe de ser cinica e hipocrita, creatura. Tenha coragem e encare de frente a situação que você mesma criou. A mim você vem dizer que não os ajudou?
- REBECA - Juro-lhe por Deus como não, dona Celeste.
- CELESTE - Cale-se. Não pronuncie o nome de Deus que ele é puro e sagrado demais para misturar-se à sua baba viscosa. Como tem a coragem de negar o que fez si eu própria atendi o telefone ontem à tarde, quando você foi indagar se dona Enô podia ir naquele momento ao consultório ou se de veria esperar mais algum tempo?
- REBECA - A... a senhora?... Foi... foi a senhora que atendeu o telefone?
- CELESTE - Fui eu, sim. Reconheci logo a sua voz e disfarcei a minha. Fui obrigada a voltar muito tarde, quando você já não estava mais aqui e por isso escapou-se de boa. Passou-me o forte da raiva e por isso vou ser mais branda com você. Mas trate de sumir-se imediatamente daqui antes que o sangue me suba novamente à cabeça e eu telefone para a policia denunciando-a pelo crime de ter sido a causadora da morte do seu Haroldo.
- REBECA - (tremula) Não... não... não faça isso... Não fui eu... juro que não fui eu... a senhora sabe que eu não tive culpa... não pode acusar-me... não póde... não póde...
- CELESTE - (bem enérgica) Parê!... Nada de escândalos e de barulhos. Vamos acabar com isso. Trate de voltar imediatamente para a sua casa e esqueça-se de todos os que moram aqui, compreendeu?
- REBECA - Sim, dona Celeste... sim... eu já vou... eu já vou...
- CELESTE - E si eu souber que você disse uma palavra só que seja sobre o que se passou aqui nesse tempo todo... Ai de você. Mando-a imediatamente para o reformatório de mulheres criminosas.
- REBECA - Não, não... não dona Celeste, não...
- CELESTE - Não procure... não veja e não fale principalmente com o doutor Alexandre, compreendeu? Principalmente com ele.
- REBECA - Está bem, dona Celeste... eu juro... eu juro...
- CELESTE - Juramento na sua boca não adianta. Você não sabe a verdadeira significação de um juramento. Para você... o nome de Deus e outro nome qualquer é a mesma coisa. Ouvindo-o nos seus lábios asquerosos, eu tenho a impressão de uma rosa branca e viçosa que foi jogada sobre um monte de esterco. Mas vá, vá... suma-se da minha presença. E não esqueça: nunca mais volte a esta casa e nem procure o doutor Alexandre, sinão.
- (Pausa. Tom) O que está esperando?

- REBECA - Eu... eu... tenho vinte e um dia a receber, dona Celeste.
- CELESTE - (mucoso de desprezo) Ainda se lembra do dinheiro num momento destes. Diga ao seu pai que venha depois recebê-lo e ele levará também as suas roupas que aí estão.
- REBECA - O velho não, dona Celeste. O velho não se entregaria o dinheiro. Ficaria com ele e ele vai me fazer falta.
- CELESTE - Mande outra pessoa, então. Eu agora não posso cuidar disso.
- REBECA - Está bem, dona Celeste. Desculpe então e... adeus.
- CELESTE - Vai-te creatura vil. Que Deus te perdôe a miséria do teu caráter!
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRAGICA.
- LOCUTOR - PUBLICIDADE.
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL. FUNDE COM AVIÃO EM VOO. QUE PERMANECE EM BQ.
- ASSUNTA - Poverette cuitadina! Como tem enjoado! Está desfigurada... de olheiras profundas... Tanta vontade que tinha de andar de avião, para isto! Está melhor agora, não sabe?
- ENÔ - Sim, sim, Assunta, estou. Não se aflija...
- ASSUNTA - E a cabeça? Doe muito ainda?
- ENÔ - Não... doer não está doendo... só estou muito tonta...
- ASSUNTA - Quer mais um comprimido para ver se melhora?
- ENÔ - Não, obrigada... Penso que os comprimidos que tomei foi que me deixaram assim tão estonteada... Mas agora estou bem. A cabeça não doendo e os vômitos parando... as tonturas não têm importância. Estando de olhos fechados eu estou bem.
- ASSUNTA - Agora falta pouco. (projetando) Senhor Comissário...
- VOZ - (aproximando-se) Deseja alguma coisa, minha senhora?
- ASSUNTA - Quanto tempo de viagem vão ter, ainda, para chegar em São Paulo?
- VOZ - Uns quarenta minutos, mais ou menos. A moça melhorou?
- ASSUNTA - Si, si... Felizmente está melhor.
- VOZ - Se precisar de alguma coisa não tenha acanhamento em pedir.
- ASSUNTA - Está bene muito obrigada. (Pausa) Ouviu, minha filha? O Comissário disse que dentro de quarenta minutos estaremos chegando.
- ENÔ - Graças a Deus!
- ASSUNTA - E por falar em Deus você me fez lembrar que io tinha abandonado o meu Rosário. Deixe que eu me agarre com ele outra vez. Sinto-me mais segura.
- CONTROLE - SOBE O RUÍDO DE AVIÃO E FUNDE COM CORTINA MUSICAL.
- CONTEA REGRA - CIGARRA DE PORTA. PASSOS DE MULHER. PORTA QUE SE ABRE.
- ALEXANDRE - Boa tarde, Celeste.

CELESTE - (rega) Boa tarde, doutor.

ALEXANDRE - (depois de pausa) Não me oferece entrada?

CELESTE - Pois não. Pode entrar.

CONTRA REGRA - PASSOS. PORTA QUE SE FECHA. MAIS PASSOS DE CELESTE E ALEXANDRE.

CELESTE - Desejava alguma coisa?

ALEXANDRE - Sim. Onde está Enôê?

CELESTE - Deve estar chegando em São Paulo. Amanhã casará e de madrugada seguirá com o marido para a Europa.

ALEXANDRE - Então... tudo o que diz nesta carta é verdade?

CELESTE - Claro que sim. Por que havia de mentir-lhe?

ALEXANDRE - Mas eu não compreendo a sua atitude. Não posso compreender. Por mais que pense não encontro explicação.

CELESTE - E no entanto é tão fácil de se compreender!... Lembra-se quando uma vez lhe procurei para avisá-lo do temperamento volúvel e inconstante de dona Enôê? Lembra-se quando lhe adverti do perigo que corria, estando muito próximo dela? Lembra-se, também, de que lhe avisei que ela tinha por costume fingir-se de apaixonada por determinados homens e quando este se julgavam inteiros senhores do seu coração ela os desprezava sem nenhum motivo plausível, só pelo prazer de os ver sofrer? Pois foi precisamente isso o que aconteceu com o senhor.

ALEXANDRE - Não é possível que exista um criatura assim! Não é possível! Não me convengo.

CELESTE - Pois existe e o senhor está tendo a prova. Dona Enôê é assim.

ALEXANDRE - Como pode ter ido ao encontro daquele toleirão, para casar-se, se não faz ainda uma semana que me declarou não gostar dele?!

CELESTE - E não gosta, realmente. Nem dele... nem do senhor... nem de ninguém. Dona Enôê só gosta dela mesma.

ALEXANDRE - E mesmo assim quis casar com ele?

CELESTE - Pela aventura de uma viagem de núpcias à Europa. Nada mais do que isto, estou certa. Se o senhor viesse com que entusiasmo ela falava ontem à noite nessa viagem. Só se preocupava a e falava na viagem. O casamento era como se não existisse. Nem se lembrava dele!

ALEXANDRE - Eu estou completamente descontrolado, Celeste. Como é possível que se finja a tal ponto?... Parece mentira! Eu não posso acreditar. Não posso!...

CELESTE - E no entanto os fatos aí estão. Não admitem dúvidas.

ALEXANDRE - Mas por que razão ela teria ido ainda ontem ao seu consultório?

- CELESTE - Para dizer-lhe pessoalmente o que deixou dito na carta. E foi pena que não lhe tivesse encontrado. O senhor não estaria agora a duvidar de mim.
- ALEXANDRE - Não, Celeste, eu não estou duvidando de você. Não é de você que eu duvido. É dela... é de mim mesmo... sei lá... (Pausa e tom) Você... você sabia que ela tinha ido lá ontem?
- CELESTE - Sabia. Ela me contou tudo.
- ALEXANDRE - E esteve também, antes dela, uma outra pessoa. Você não sabe quem é-ra? Pelo menos foi o que me informou o encarregado da portaria do edifício.
- CELESTE - Uma outra pessoa?... Ah, sim, sim, sei. Foi Rebeca que ela mandou na frente para saber se podia subir ou se devia voltar mais tarde.
- ALEXANDRE - Talvez Rebeca me poudesse esclarecer qualquer coisa mais... Onde está ela?
- CELESTE - Foi para casa doente. Dona Iris parece-me que vai dispensá-la, agora. Não há mais razão para mantê-la aqui.
- ALEXANDRE - É verdade, e... e Iris?
- CELESTE - Está na cama, doente.
- ALEXANDRE - Doente? Naturalmente ficou muito abalada com essa brusca resolução da filha, não foi?
- CELESTE - Não senhor. Ela ainda nem sabe que a filha embarcou. O motivo da sua doença é muito outro.
- ALEXANDRE - Poderei vê-la?
- CELESTE - Não. O senhor não deve vê-la.
- ALEXANDRE - Esperarei, então, que ela fique melhor. Talvez amanhã...
- CELESTE - Não senhor. O senhor não deverá vê-la nem hoje... nem amanhã... e nem nunca mais.
- ALEXANDRE - Como?... Nem nunca mais?... Por que? Você se esquece que ela é minha noiva?
- CELESTE - Era. Já não o é mais.
- ALEXANDRE - O que é que você está dizendo, Celeste?
- CELESTE - Únicamente a verdade. Dona Iris foi informada da existência de uma outra mulher em sua vida e deu-me ordem para despedi-lo se acaso o senhor voltasse a esta casa.
- ALEXANDRE - Ela foi informada da existen... Quem a informou?
- CELESTE - Eu, doutor Alexandre.
- ALEXANDRE - Mas por que, Celeste? Por que fez isso?

CELESTE - Fiz o que o senhor já deveria ter feito há muito tempo e não fez. Por piedade... por covardia... sei lá porque... o caso é que não fez. Ela se cansou de ser embalada, compreendeu que estava sendo iludida, apelou para a minha lealdade de amiga... eu não tive outro remédio senão dizer-lhe a verdade. Só uma coisa não lhe revelei. Tive receio de a ferir muito fundo. Não lhe disse que a "outra" era a sua própria filha. Menti-lhe que era uma antiga enfermeira sua.

ALEXANDRE - (depois de pausa longa, abatido) Está bem, Celeste. Creio que aqui não há mais nada a fazer.

CELESTE - Vamos deixar assim, por ora... e esperar que o tempo corra. Dizem que ele é o melhor remédio para a inflamação das feridas da alma...

ALEXANDRE - É, pode ser... Dessas males da alma eu não entendo lá muito. Recem agora parece que começo a adquirir uma certa experiência.

CELESTE - É bom. A gente só pode bem avaliar a dor dos outros depois que a sentiu doer em si próprio. Pode ser que de agora em diante o senhor tenha mais cuidado de não ferir!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CONTRA REGRA - OITO BATIDAS ESPACADAS E AFASTADAS.

CELESTE - (suave) Acordou?

IRIS - (abatida) Sim, Celeste. Faz algum tempo, já, que estou acordada.

CELESTE - Como se sente? Melhorzinha?

IRIS - Mais ou menos, Celeste. Tenho a cabeça muito tonta. Parece que tudo gira em torno de mim. Você mesma, por exemplo, parece que tem três cabeças que, num movimento contínuo, se juntam e se separam.

CELESTE - Vou trazer-lhe um alimento, quer?

IRIS - Não tenho vontade, Celeste.

CELESTE - Não tem vontade mas precisa tomá-lo. Precisa fortalecer-se.

IRIS - Para que? Não seria melhor que me deixassem morrer?

CELESTE - Nada disto. A senhora precisa viver e vai viver. Considera sua vida terminada só porque desfez o noivado com o doutor Alexandre?

IRIS - Ele era tudo para mim, Celeste.

CELESTE - Mas poderá voltar a tê-lo.

IRIS - Não acredito. Não posso acreditar. Seria demasiada ventura e a vida acharia muita azoela para mim.

CELESTE - Pois afianço-lhe que a mim isso não surpreenderá, se acontecer. Vamos esperar com calma e com resignação, lembrando-nos que para Deus nada neste mundo é impossível. E agora vou buscar um pouco de leite que a senhora vai tratar de começar, desde já, o seu movimento de reação.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

SIMÃO - Oh, doutor Alexandrei... Que aflita que eu estive que a senhor cheguei

ALEXANDRE - Pois eu recebi o seu chamado no consultório, mas naquele momento estava ausente. Quando cheguei lá, havia muita gente à minha espera e eu não pude vir logo. Por que não mandou me chamar ali em casa à hora do almoço?

SIMÃO - Dona Mimosa podia nem gostar e eu tive medo.

ALEXANDRE - O que foi que houve?

SIMÃO - Meu filha Rebeca, doutor. Desde hoje de manhã que cheguei muito tristonha. Eu já ia sair para a rua vender os meus gravates quando ela voltei de serviço. Nem queria falar, nem queria tomar remédio... dizia só que doía muito o cabeça do ela.

ALEXANDRE - Deve ser uma gripe ou então uma das suas perturbações nervosas. Eu já lhe avisei que ela está muito fraca e não deve abusar das suas forças. O senhor não quer se decidir a manda-la para fora passar uns tempos...

SIMÃO - Eu não pode doutor. Sou uma pobre velho sem recurso, doutor...

ALEXANDRE - Mas num caso destes a gente faz um sacrifício, seu Simão. Dá um jeito qualquer a arruma dinheiro. O senhor não tem amigos?

SIMÃO - Quem tem amigos só quem tem dinheiro, doutor.

ALEXANDRE - Seus genros, afinal, estão muito bem na vida. Um deles podia lhe auxiliar nesta ocasião.

SIMÃO - Não creia, doutor. Umas miserráveis que nem solta um dinheiro do bolsa do eles. E muita ná banco tem. Muita senho. Todas as meses leva dinheiro para botar lá.

ALEXANDRE - Eu, de momento, não posso me oferecer para lhe emprestar dinheiro porque estou com uma série de compromissos grandes de uma aparelhos de cirurgia que adquiri e que tenho que pagar nestas três meses. Mas se o senhor quiser eu poderei ir falar em seu nome a qualquer um dos seus genros. O senhor acha que eles não me atenderiam?

SIMÃO - Tem certeza que eles dão que não. Nem vale a pena de trabalho doutor.

ALEXANDRE - Bem... nesse caso... não há outro remédio senão deixar assim como está.

SIMÃO - Pode ser que a minha Deus se lembre que tem uma filho chamada Simon e que essa filho tem outra filho chamada Rebeca que está com doença e que precise da dinheiro para curar a doença do ela.

ALEXANDRE - Bem, vamos ver a sua filha então. Ela está deitada?

SIMÃO - Está no cama no quarto do ela. Pode passar, doutor.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DOIS HOMENS, UM VELHO, ARRASTADO, POR ALGUM TEMPO, SEMPRE A MESMA ALTURA DO MICRO

SIMÃO - Rebeca... meu filha... a dotor estou aqui, meu filha. Ela parece que estava dormindo...

ALEXANDRE - Vamos, Rebeca. Sente-se na cama que eu vou a examina-la.

REBECA - (desespero, lento e crescendo até quasi a loucura) Não!... Não!... Eu não quero... eu não posso... eu não devo falar com ele... Não devo... não devo... Eu não quero ser presa... saia... saia daqui, ande... Vá embora! Eu não quero ser presa... e que espera? Porque não sai? Porque não vai embora? Ande! Saia! Saia! Saia, já disse! Saia!... (chora em desespero)

SIMÃO - Meu filha!... Meu filha!... Por favor, meu filha, por favor! Oh que horrór, minha Deus!... Gót n'hió!... Gót n'hió!... Ela parece que ficou lóca!...

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPITULO.

FIM DO 27º CAPITULO

Marinho

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!...

(Novela de Érico Cramer)

28º CAPÍTULO

AValiação:
27.10.
2011

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

Locutor - A Radio varroupilha leva aos vossos receptores, neste momento, mais a um capítulo da emocionante novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERISITICA E CAI EM BG

Locutor - Anoiteceu. Descansa. Coração!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERISTICA E VOLTA A BG

Locutor - No capítulo anterior desta novela, deixamos o doutor Alexandre em casa de Rebeca, atendendo a um chamado que lhe fizera o pai da moça que se mostrava bastante preocupada pelo estado de saúde da filha. O doutor Alexandre, acompanhado por Simão, passou ao quarto da enferma. No momento, porém em que lhe dirigiu a palavra...

ALEXANDRE - Vamos, Rebeca. Sente-se na cama que eu vou examiná-la.

REBECA - (desespero lento que vai crescendo até quasi à loucura) Não!... Não!... Eu não quero... eu não posso... eu não devo falar com ele... Não devo. Não devo... Eu não quero ser presa... Saia... saia daqui... vá embora. Eu não quero ser presa, ouviu? Eu não quero ser presa. O que espera? Por que não sai? Vá embora, ande. Saia... Saia!... Saia!... (pronto for, forte)

SIMÃO - Meu filha!... Meu filha!... Por favor, meu filha! Por favor!... Oh que horror, minha Deus!... Gót n'hiú!... Gót nhiú!... Ela parréce que ficou lóca, doctor!...

REBECA - Saia!... Saia duma vez antes que eu lhe mate!.. Não está ouvindo? Saia. Saia você também!... Não quero ninguém aqui! Ninguém!... Ninguém!...

ALEXANDRE - Seu Simão, onde é que o senhor vai?

SIMÃO - (afastado) Vou sair. Ela nom quer ninguém junto do ela. Disse que mata e pode me matei mesmo.

ALEXANDRE - (severo) Venha cá, meu Simão. Eu preciso que o senhor me ajude.

SIMÃO - (assustado e afastado) Nom doctor... nom... nom convém mexer com a pobresinha. Ela nom quer deixei, nom convem.

ALEXANDRE - (saxoso) Venha, seu Simão, não seja medroso. O senhor terá que ajudar me a convencê-la de que deve se deixar examinar.

SIMÃO - Eu fala com ela daqui do longe doctor. Déxa, minha filha, déxa a doctor examinei você direitinho. É a papai do ela que está pedindo.

REBECA - Velho asqueroso! Por tua causa foi que tudo aconteceu. Pelo teu amor ao dinheiro. Querias que eu me casasse com ele na esperança de que eu

- ficasse rica e tu podesse aproveitar o meu dinheiro!

SIMÃO - Rebeca, meu filha! Nem dize bobagem dessas na frente da dotô!

REBECA - Induzista-me ao crime e o resultado aí está. A mesma miséria de ontem. A miséria de todos os tempos (GARGALHADAS DE ESCARNEO)

SIMÃO - Nem aí desta maneira, meu filha, que faz muito força no pulmão.

REBECA - (para de rir, de repente) O senhor é da polícia, não? Vais prender-me?

ALEXANDRE - Da polícia nada, Rebeca. Você não está me conhecendo?

REBECA - Não fui eu. (chamando) Juro-lhe que não fui eu! Eu estou inocente. Acredite logo, eu estou inocente. (chora)

SIMÃO - Pobreza da meu filha!...

ALEXANDRE - Rebeca, tenha calma e olhe para mim. Eu não sou da polícia, está ouvindo? Eu sou Alexandre, veja bem. Sou médico, você está doente e eu vim examina-la para, para dar-lhe um remédio que lhe ajude a ficar lá boa bem depressa.

REBECA - (desatinada, medo) Não! Não! Não quero! Ele disse que ia vingar-se de mim e lhe mandou aqui para me envenenar. Vá-se embora, ande! Vá-se embora! Não quero nada. Não quero ninguém. Quero ficar sózinha. Eu sei bem me defender. Não deixarei que me matem. Não deixarei. Não deixarei.

CONTRA REGRA - RUIDO DE UMA PORÇÃO DE COISAS ATIRADAS QUE CAEM AO CHÃO UMAS E ILHAS OUTRAS SE PARTEM.

REBECA - (cada vez mais alucinada) Vão embora, vão embora! Eu os mato a todos, vão embora, já disse.

SIMÃO - (aterrado e nervoso) Saia, dotôr. Saia depressa. Ela lhe atirra com estas coisas todas no cabeça!

REBECA - Eu os mato a todos. Eu os mato a todos! Eu os mato! Eu os mato!...

CONTRA REGRA - PASSOS QUE PERMANECEM A MESMA ALTURA NO MICRO.

REBECA - (afastando-se aos poucos do microfone) Não deixarei que me envenenem! Não deixarei que me prendam. É uma injustiça! Uma injustiça! São todos uns infames. Uns criminosos...

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE E FECHA, PERTO.

ALEXANDRE - É melhor deixá-la aí fechada e chamar um especialista de doenças mentais, seu Simão.

REBECA - (ben afastada) Foram embora, não? Tiveram medo, não foi? Pois entrem aqui agora, entrem. Venham atacar-me. (GARGALHADAS AFASTADAS)

SIMÃO - E agora, dotôr? Que eu vou fazer?

ALEXANDRE - Ó que eu acabei de lhe dizer, meu amigo: chamar um especialista de molestias mentais.

SIMÃO - Quanto... quanto cobra o consulto uma especialista, doutor? Sabe?

ALEXANDRE - Óra, seu Simão, francamente! Num momento desses o senhor está cogitando do preço da consulta de um especialista para a sua filha? Abandone por uns momentos essa ideia do dinheiro e trate de salvar a sua filha que eu já não posso fazer mais nada.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL VIOLENTA.

MIMOSA - Meu filho me contou o que se passou com Rebeca e eu fiquei profundamente penalizada. Seu Simão. Estava aborrecida com o senhor e não pensava mais recebê-lo em minha casa, mas também não posso abandonar a pobre menina numa situação como a que ela se encontra e foi por essa razão que o mandei chamar.

SIMÃO - Sinhorra vá, ajudei Rebeca, dona Mimosa?

MIMOSA - Não, seu Simão. Vou ajudar o senhor a olhar serenamente as coisas da vida, a afastar dos seus olhos esse brilho do ouro que os ofusca e que não lhe permite enxergar as coisas lindas que a afetividade pode construir. Rebeca é uma moça bonita, inteligente, uma creatura boa de coração e que vive agora atormentada pelo remorso de uma feia ação que o senhor quase a fez praticar. O senhor a mim mesmo confessou que é rico e que possui uma arca cheia de moedas. Sua filha está gravemente enferma, arriscada a afundar-se para sempre no mar negro da loucura e o senhor se obstina em não querer dar-lhe o tratamento que ela necessita pelo horror de gastar o dinheiro que acumulou. Não faça isso, seu Simão. Salve-se em tempo. Veja o que fazem os seus patrícios pelas suas famílias. Dão-lhe conforto. Dão-lhe carinho. Esfalfam-se num trabalho honesto e produtivo para que nada falte às suas esposas e aos seus filhos. São gente boa. Gente pacífica. Gente benqueridinha. Gente estimada e respeitada por todos, porque é gente digna dessa estima e desse respeito. Porque não faz como eles? Por que há de proceder de maneira diferente? Veja o seu Maurício, por exemplo. Vendeu tudo o que possuía para salvar sua filha de uma paralisia infantil que a acometeu. E foi começar a vida de novo. Seu Jacob abandonou todos os seus bens em mãos de estranhos e lá se foi com a esposa em busca de um clima mais benéfico para a sua saúde. Veja seu Gilão os sacrifícios todos que faz para manter as filhas sempre bem arrumadas e em bons collegios. E assim fazem todos, todos os seus patrícios, seu Simão. São trabalhadores, são honestos, dedicados e amigos da família. Só o senhor não é assim. Por que?

SIMÃO - Se eu gastava o dinheiro como as minhas patrícias, não conseguia juntar.

MIMOSA - Mas que lhe adiantou juntar dinheiro à custa de sacrifícios tão grandes da sua pobre Rebeca? Que lhe adiantará esse dinheiro, agora, se o senhor não se resolver a gastá-lo para salvar sua filha? Ficarão o senhor, velho e doente, sem um carinho, sem uma pessoa amiga ao seu lado... Acha que possa ser compensação?

SIMÃO - Dinheirra vale mais do que amigos e carinhos.

MIMOSA - Só agora compreendo porque o senhor viver sempre isolado de todos. E porque até as suas filhas e os seus genros se isolaram do senhor. E porque nem um só dos seus patricios se fez seu amigo. Todos sentiam asco e vergonha do homem que o senhor é. Eles não podiam compreender nem admitir, uma alma tão vil como é a sua. Vá, seu Simão, vá. Eu já vi que estou malhando em ferro frio. As palavras que lhe disse não tiveram nenhuma repercussão na sua alma atrofiada e doente. Que Deus tenha piedade do senhor! Vá!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ASSUNTA - Que é isso, menina, vamos... anime-se. Vai ficar todo o resto da tarde nesse abandono de si mesma, com os olhos perdidos no espaço, como quem espera das nuvens alguma coisa que não chega nunca? Não é possível. Você precisa encorajar-se e reagir contra esse marasmo.

ENOË - (aniquilhada) Não posso, Assunta, não posso! Sinto um horror tão grande de tudo isso que se passa comigo...

ASSUNTA - Mas você se entrega demais, menina. Não parece a mesma Enôê resoluta e corajosa de alguns tempos atrás. Vive acobardada, ensimesmada, atirada em cima dessa cama sem querer ao menos sair de vez em quando para apanhar um pouco de sol. Faz três meses que estamos aqui e você ainda não quiz botar o pé na rua nem receber uma só das suas amigas. Assim não é possível continuar.

ENOË - Mas como sair e receber amigas no estado em que estou, Assunta? Você não compreende que não é possível? Não faltaria uma delas que percebesse a verdade e fôsse contar à Vovó. É o que a catarata lhe impede de ver a intolerância de uma amiga acabaria, fatalmente, por lhe revelar.

ASSUNTA - Mas poderíamos sair de automóvel para lugares distantes e despovoados e lá você descaria, caminharia um pouco... faria um pouco de exercício... tomava sol... Nada disso você quer fazer.

ENOË - O que eu quero fazer você não me deixa.

ASSUNTA - Não deixo porque você já procurou uma pessoa acostumada a esses serviços e essa pessoa lhe fez ver que era muito tarde e que você estaria arriscada a consequências muito desagradáveis. Você ouviu muito

bem quando ela disse que você estaria arriscada até a perder a vida.

ENOË - E o que me vale a vida que estou vivendo? Desesperada e torturada pelo horror de mim mesma? Sentindo, constantemente, a chaga do meu pecado corroer-me o corpo? Não seria preferível morrer, já que não posso curá-la?

ASSUNTA - Por que não aceita a solução que lhe augeri? Vamos para a casa de minha irmã em Capri. Lá ninguém a conhece e você viverá uma nova vida. Seu filho nascerá, você ficará encantada com ele e as maravilhas da natureza daquela ilha de sonho hão de embovecar os seus olhos fazendo-o esquecer-se das infelicidades todas que passaram. (Pausa) E então? Não compreende que essa é a melhor solução para o seu caso?

ENOË - Não, Assunta, não quero. Eu não quero esse filho que vai nascer. Não quero.

ASSUNTA - Pois se você não o quer, nós o deixaremos lá com minha irmã e voltaremos. Angela não tem filhos... é louca por crianças... ficará encantada da vida!

ENOË - Não, não, Assunta, não. Deixe-me assim como estou e não me fale mais nesse assunto.

ASSUNTA - Mas menina, você não compreende que não é possível deixar-se as coisas como estão? Que seremos obrigadas a tomar uma atitude qualquer daqui a quatro meses e que devemos, desde já, começar a pensar que atitude será essa?

ENOË - Não posso pensar noutra coisa que não seja em arrancar de mim essa maldição que vive e palpita dentro do meu ser e que me queima mais do que me poderia queimar as chamas do inferno.

ASSUNTA - Oh, meu Deus, meu Deus!... Como você é teimosa e obstinada, menina!.. Nunca vi ninguém assim como você! Está justamente sofrendo as consequências da sua maldita teimosia e assim mesmo ainda persiste nela.

ENOË - Deixe-me, Assunta, não fale mais agora. Tenho a cabeça tonta e preciso repousar.

ASSUNTA - Está bem. Eu não lhe direi mais nada. Já vi que é tudo inútil!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE DUAS VEZES - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA
RUIDO DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO.

CELESTE - Alô! (Pausa) É da casa da viúva Haroldo Berlinck. (Pausa) Sim, é Celeste. Quem é que está falando aí? (Pausa) O senhor?!... (Pausa) Mas naturalmente que me admirei! Nunca mais soube notícias suas... não imaginei que ainda se lembrasse de nós... (Pausa) Como? (Pausa) Não,

não. Acho que não seria conveniente. Talvez fosse melhor eu ir ao meu consultório. (Pausa) Em qualquer dia que o senhor desejasse. (Pausa) Se tem assim tanta pressa... (Pausa) E a que horas estaria bem para o senhor? (Pausa) À noite, para mim, sempre é mais difícil. Tenho que estar aqui para acompanhá-la. Depois das cinco seria melhor. (Pausa) Posso, sim, como não. (Pausa) Está muito bem. Logo, às cinco e meia, estarei lá sem falta. (Pausa) De nada. Até logo então.

CONTRA REGRA - DESLIGA TELEFONE.

CELESTE - Que coisa estranha!... Que poderás querer esse homem, depois de quatro meses passados e em que nunca mais nos deu o menor sinal da sua vida. Será que descobriu qualquer coisa a respeito de Enôê? Será que o que me deseja dizer com tanto empenho se refira a dona Iris? Não sei. Confesso que não posso adivinhar o que seja. Estou completamente surpresada e desorientada. E vou ter que esperar até às cinco e meia para poder saber o que é!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENÔÊ - Indicaram-me o seu nome como pessoa de absoluto critério e de inteira confiança no trabalho que eu vou ter necessidade de mandar efetuar.

CONSUELO - Si, si, señorita. Já estoy entendendo todo. Lo que necesita usted es de una persona que trabaje bien y no hable de más. Verdad?

ENÔÊ - Exatamente. Não faço questão do preço do trabalho. Estou disposta a pagar muito bem por ele e melhor ainda pelo silêncio que deverá guardar.

CONSUELO - Eso no le dá cuidado, señorita. Yo trabajo hace como quince años en este oficio y nunca una sola persona tuvo que se arrepentir. Yo no hablo a nadie de los trabajos que hago. Si, porque la verdad es que por hablar mucho uno a las veces se pierde, nó?

ENÔÊ - Exatamente. O que eu desejo, acima de tudo, é o silêncio. Tenho absoluta necessidade de fazer desaparecer o vestígio desse crime e principalmente que ele continue ignorado de minha mãe e minha avó. O resto não me interessa em absoluto.

CONSUELO - Entendido, señorita. Entendido. Pero... diga-me... Quantos meses?

ENÔÊ - Quasi seis.

CONSUELO - (Assobia) Como ha de jado para tan tarde, señorita?

- ENOË - Não me deixaram vir antes. Hoje mesmo... se estou aqui... é porque encontrei uma oportunidade de escapar sem ser vista. (Pausa e tom) Parece-lhe, então... muito tarde?
- CONSUELO - Si, si, como não? A mi me parece que es una temeridad hacer-se algo ahora.
- ENOË - Mas eu preciso fazer isso... de qualquer maneira. Mesmo que me custe a vida, para mim será melhor do que continuar como estou.
- CONSUELO - Pero usted se olvida de la responsabilidad que tengo yo.
- ENOË - A responsabilidade eu a assumirei inteira. Dar-lhe-ei uma carta assinada, tirando-lhe qualquer vestígio de culpa pelo que possa acontecer.
- CONSUELO - No es lo bastante, señorita. Y la prebida profesional, usted no la lleva en cuenta? Si usted se muere yo se voy a enojar con la policía, con los periodistas, con los médicos y que se yo?... Usted llevará para la tumba mi nombre. No faltaran los que digan que yo no debería hacer un trabajo desta naturaleza sin tener absoluta seguridad de su éxito.
- ENOË - Quer dizer então que...
- CONSUELO - Desgraciadamente no la puedo servir.
- ENOË - É uma pena! Eu precisava tanto afastar este peso da minha consciência! Tanto!...
- CONSUELO - Que voy hacer, señorita? Yo no me puedo arriesgar. Es muy peligroso.
- ENOË - (Pausa) Não, não, não pode ser. Isso não deve e não pode continuar de maneira alguma. Buscarei outra pessoa. Eu hei de encontrar alguém.
- CONSUELO - Bueno... que la encuentra yo no tengo duda. Habrá muchas que lo hacen... pero yo, no.
- ENOË - Esta bem. Passe bem, então.
- CONSUELO - Adiós, señorita. Que le vaya bien!
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL.
- IRIS - Existe estas ladeiras?
- CELESTE - Sim. Tive necessidade, dona Iris.
- IRIS - Está muito bem, Celeste. Apenas estranhei que não me tivesses avisado coisa alguma. Quando te procurei, Elmira informou-me que te havia visto sair mas que não haviam deixado nenhum rasto.
- CELESTE - Efetivamente. Sai... sair em cores fugida.
- IRIS - Por que? Não entendo a razão do teu procedimento. Creio que nunca te privei de sair quando desejaste.
- CELESTE - Mas desta vez talvez a senhora me privasse e eu não podia deixar de satisfazer a minha curiosidade.
- IRIS - A propósito de que?

CELESTE - É que esta manhã, eu recebi um telefonema calcule de quem?

IRIS - Não posso saber.

CELESTE - Não pode mesmo ou está com receio de dizer o que pensa?

IRIS - Juro-te que não sei. (acordando-se) Ou será que...

CELESTE - (depois de pausa) Diga.

IRIS - Não, não. Diga você. Quem foi que lhe telefonou?

CELESTE - O doutor Alexandre.

CONTROLE - EM CIMA DA FRASE ACIMA UM ACORDE SECO E SOMBRIO. SEM CORTAR.

IRIS - (depois de pausa, a medo) E... e o que queria ele de ti?...

CELESTE - Pediu a minha presença no seu consultório às cinco e meia da tarde de hoje.

IRIS - (Pausa) Então... tu foste lá.

CELESTE - Exatamente.

IRIS - (Pausa) E... e o que queria ele de ti?

CELESTE - Uma coisa que vai lhe deixar verdadeiramente surpreendida.

IRIS - (afrita) Anda, Celeste, fala, anda. Que queria ele?

CELESTE - Que eu... que eu procurasse convencer a senhora de receber a visita dele.

CONTROLE - ACORDE SECO E SOMBRIO EM CIMA DA FRASE ACIMA. SEM CORTAR.

IRIS - (choque) Hein?!... Ele... ele queria me visitar?

CELESTE - Queria, não. Quer visitá-la.

IRIS - (narvosa) Mas eu não quero recebe-lo.

CELESTE - Mesmo sabendo que ele está bastante arrependido do que fez e que já terminou tudo com a mulher que o afastou da senhora?

IRIS - Mesmo assim, Celeste.

CELESTE - Mas por que não, se a senhora ainda o ama?

IRIS - Que sabes tu a esse respeito se nunca mais te falei nele?

CELESTE - Justamente o silencio falou com bastante eloquencia. Era uma prova de que a senhora desejava desesperadamente esquece-lo mas a verdade é que não o conseguiu. (Pausa) Por que não tenta mais uma vez?

IRIS - Porque tenho ainda bem viva a chaga que me ficou no peito com a decepção que sofri. Nunca me dei tanto a ninguém, Celeste. Tenho até vergonha de mim mesma quando penso no que fiz por seu amor. Quando penso em que lhe abri minh'alma sem nenhuma reserva para o sentimento forte que ele me inspirára... quando penso que lhe dei inteiro o meu coração, mesmo no tempo em que, por lei, ele não poderia pertencer-lhe... quando penso que lhe extendi meus braços cheios de ternura para depois recolhe-los vazios e gelados... eu sinto a humilhação de me ter dado tanto! (Pausa e tom) Não, não, Celeste, eu não quero.

Para que reaviver um bem que se tornou a minha angustia suprema? Não quero. Não quero. Deixe-me esquecê-lo.

CELESTE - A senhora o amou de mais para que possa esquecê-lo, tão depressa. Terá que sofrer, ainda, dois, ou três anos de amargas lembranças para depois então alcançar o que deseja. Não será melhor aproveitar esse tempo ao lado dele? Agora que os seus compromissos com outra foram desfeitos, ele estará mais terno do que nunca.

IRIS - Todas as palavras de ternura que ele murmurar aos meus ouvidos, não de ter para mim o mesmo som metálico com que me soam hoje, as recordações, as mentiras de amor que me dizia outrora! A sombra dessa outra que eu não cheguei a conhecer, ha de estar sempre entre o teu coração e o dele, sem permitir que eu creia e que ara sem reserva. Eu não seria feliz por não lhe poder dar tudo e ele também não poderia ser feliz por sentir que já não tinha o que estava acostumado a receber em outros tempos.

CELESTE - Então... devo dizer-lhe que...

IRIS - ... que se esqueça de mim e me deixe esquecê-lo!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

MIMOSA - Meu filho, querido, você anda outra vez tão cabibolado... tão existencioso... com uma expressão de amargura e de ansiedade no seu rosto cansado... como só me lembro de lhe ter visto assim ha quatro meses passados, quando você desmanchou o seu noivado com Iris. Dar-se-á o caso de que você esteja outra vez metido em novas complicações amorosas?

ALEXANDRE - Exatamente, mamãe. A senhora, como sempre, adivinhou mais uma vez a razão dos meus padecimentos.

MIMOSA - A mamãe te conhece de sobra, meu malandro. As preocupações que tens com os teus deontes, embora te atinjam também profundamente, não te desfiguram assim de maneira tão visível. (Tom) Vamos a saber: quem é A TUA NOVA VITIMA?

ALEXANDRE - A nova não é nova, mamãe. É a mesma de antes.

MIMOSA - Enos?

ALEXANDRE - Não, mamãe. Enos deixou-me radicalmente curato de imprensa que me causou, quando sacrificou seu amor pela aventura de uma viagem á Europa. Uma mulher que procede dessa forma, não é digna do afeto sincero de um homem e nem lhe merece confiança.

MIMOSA - Então quer dizer que...

ALEXANDRE - ...que estou outra vez perdidamente apaixonado por Iris e sofro por que ela não deseja a reconciliação.

MIMOSA - Como é parecido com teu pai, meu filho! Sabes que ele fez consigo a mesmíssima coisa que tu estás fazendo com essa moça? Três vezes me deixou por causa de outras, três vezes se desepcionou e acabou vindo a mim para casar.

ALEXANDRE - A senhora o recebeu logo, quando ele voltou?

MIMOSA - Claro que não. Louquinha estava para recebê-lo nas fis boquinha nua como vocês hoje dizem. Quer dizer... fis tal qual tua ex-noiva está fazendo.

ALEXANDRE - A senhora acha mesmo que ela esteja fazendo bouquinha, mamãe? Iris não é uma mulher comum.

MIMOSA - Oh, grandíssimo malcriado! E tu queres dizer que eu éra?

ALEXANDRE - Não, não, mamãe, a minha intenção não foi essa. A senhora fez o que faz toda a mulher que ama. Deu-se ao valor mas acabou cedendo. Iris é uma mulher estranha... diferente das outras, compreende? Ela não fará o que todas fazem.

MIMOSA - No amor, meu filho, todas as mulheres são iguais. No amor amor, entendam bem, não é nessa exaltação de sentidos que muitos confundem.

ALEXANDRE - Então... a senhora acha que eu posso ter esperança?

MIMOSA - Está claro que pode. Continue insistindo... e aguarde confiança.

ALEXANDRE - Aguardarei, mamãe. Quero e preciso reconquistá-la. Hoje, mais do que nunca estou plenamente convencido de que a amo e que necessito de ela para amar para poder ser feliz!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ENOË - Assunta, eu não posso mais. Eu enlouqueço! Deixe-me fazer o que eu quero.

ASSUNTA - Isso é uma loucura, menina. Então não compreende? Não vê que faltam dois meses apenas e que já não é mais possível?

ENOË - O que não é mais possível é dominar essa angustia que trago em minha alma. Esse horror de deixar nascer o fruto de um pecado que chega a ser sacrilégio. E eu não posso saber por que, Assunta? Porque tenho a impressão de que vou odiar o meu filho!

CONTROLE - ACORDE BICO E DRAMÁTICO. SEM CORTINA

ASSUNTA - -Cruzes, menina! Isso sim é que é um sacrilégio você pensar. Vai odiar coisa nenhuma. Pense odiar agora que ele ainda não nasceu. O dia em que você o vir, pequenino, agitando as mãozinhas, chorando, procurando

com a boquinha esfrega o seio que ha de dar-lhe o alimento, você esquecerá ainda esse angústia, esse horror que ele agora ainda lhe inspira, as lágrimas chorandizas, e amargura e acobardará, finalmente, por esquecer, até mesmo, o peccado que o trouxe para a vida. (Ele começa a chorar convulsivamente).

Vamos, não chore. Espere mais dois meses e ha de ver.

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPITULO.

FIM DO 28º CAPITULO

Marinho

(Novela de Erico Cramer)

29º CAPÍTULOCONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

LOCUTOR - Esta característica assinala o início de mais um capítulo da novela de Erico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERISTICA E CAI EM B/G

Locutor - Anoiteceu. Descansa, Coração!...

CONTROLE - SOBE A R CARACTERISTICA E CAI EM BG.

Locutor - Ao findar o vigésimo oitavo capítulo desta novela, deixamos Enô, desesperada, a tentar convencer Assunta de deixá-la desvencilhar-se do filho que lhe estava para nascer. E entre as muitas coisas que a moça disse á velha Assunta, para que esta acedesse, ouvimos ainda o seguinte:

ENOÊ - E eu não posso deixar nascer essa criança você sabe por que, Assunta? Porque tenho a impressão de que serei capaz até de odiá-la.

CONTROLE - ACORDE SECO E DRAMATICO. SEM CORTAR.

ASSUNTA - Cruzes, menina! Isso sim é que é um sacrilégio você pensar. Vai odiar coisa nenhuma. Pense odiar agora que ele ainda não nasceu. No dia em que você o vir, pequenino, agitando as mãosinhas, chorando, procurando com a boquinha esfrega o seio que ha de dar-lhe o alimento, você esquecerá toda essa angustia, esse horror que ele agora ainda lhe inspira, as lágrimas choradas, e amargura e acalorará, finalmente, por esquecer até mesmo o pecado que o trouxe para a vida.

ENOÊ - (desata a chorar convulsivamente)

ASSUNTA - Vamos... não chore. Espere mais dois meses e ha de ver.

ENOÊ - Não sei se poderei, Assunta! Não sei se terei forças!

ASSUNTA - Ha de ter. Ha de ter. Deus dá o frio conforme a roupa. Na hora do sofrimento a força aparece. Eu estarei a seu lado para ajudá-la.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CELESTE - Doutor Alexandre! O senhor aqui?!. O que houve?

ALEXANDRE - Houve que eu hoje decidi falar com Iris a qualquer preço, Celeste.

CELESTE - Mas não é possível, doutor!

ALEXANDRE - O que não é possível é que eu continue a esperar indefinidamente.

CELESTE - Mas doutor!..

ALEXANDRE - (Corta) Ha quasi sete meses que aguardo o momento em que ele se decida a receber-me. Não posso esperar mais, Celeste. Não posso. Eu estou desesperado e necessito falar-lhe de qualquer maneira, quer ela concorde ou não.

CELESTE - Mas doutor, tenha calma. Então não compreende que não convem precipitar os acontecimentos?

ALEXANDRE - Mas você chama a uma espera de tantos meses "precipitar os acontecimentos?" Não compreende que eu tenho tido uma paciência sem limites?

CELESTE - Mas que fazer, doutor? Não há outro remédio. Eu conheço muito bem dona Iria e sei perfeitamente que, com precipitação e violência, o senhor nada conseguirá dela. Ela é como aqueles frutos que contêm grande quantidade de tanino. Antes que estejam bem maduros, é inútil arrancá-los porque travam de tal modo o paladar da gente que não se consegue saboreá-los.

ALEXANDRE - Você cre que seja inútil dizer-lhe que estou aqui?

CELESTE - Sim. Estou absolutamente convencida disto.

ALEXANDRE - Será mesmo possível que todo esse tempo de humilhação e de penitência não foi suficiente para convencê-la da sinceridade do meu arrependimento?

CELESTE - Ela não cogita do grau da sua sinceridade nem da dimensão do seu arrependimento, doutor. O que ela diz é que a ferida causada pela sua decepção ainda lhe dói profundamente e que só quando essa dor houver abrandado, poderá admitir a ideia de aplicar-me sobre a ferida algum remédio.

ALEXANDRE - Mas não é possível! Isso me parece mais uma tolimosia do que outra coisa qualquer. Que devo fazer, Celeste? Diga-me. Aconselhe-me outra coisa que não seja esperar.

CELESTE - Não tenho outra receita para dar-lhe, infelizmente, doutor. E sei porque digo isto, creia. Ainda ontem à noite estivemos falando sobre o assunto - sim, porque eu não deixo passar um só ocasião em que não a aconselha a recebê-lo - e casualmente formulei a hipótese do senhor vir a esta casa inesperadamente. E sabe o que me respondeu?

ALEXANDRE - Diga. Quero saber.

CELESTE - Disse-me com toda a calma e sem nenhum ódio no coração. "Por óra eu ainda não o receberia." E note que já disse "por óra" quando antes dizia: "nunca mais o receberei".

ALEXANDRE - É uma melhora, sem dúvida, mas como são lentas essas melhoras, meu Deus! Como são lentas!...

CELESTE - São lentas mas são seguras, doutor.

ALEXANDRE - Você cre realmente, Celeste?

CELESTE - Creio, sim. E se lhe digo que espera... Sei bem o que estou fazendo.

ALEXANDRE - Está bem, Celeste. Uma vez que você me afirma isso com tamanha convicção, creio bem que não haverá outro remédio senão esperar! Continuemos esperando, então.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

UMA VOZ - O senhor é que o pai de uma moçinha chamada Rebeca que está internada no hospital de alienados?

SINÃO - Si senhor. Rebeca meu filha ser, si senhor.

UMA VOZ - O Diretor manda chamar o senhor com urgência que ela está muito mal.

CONTROLE - RÁPIDO RÁPIDO

ENFERMEIRO - Tudo se passou mais ou menos assim: quando eu abri a porta do quarto dela para levá-la à sala onde deveria fazer a aplicação do choque, encontrei-a com um dos lençóis da cama amarrado à cintura e arrastando como se fosse a cauda do vestido. O outro lençol ela o havia colocado à cabeça preso por duas flores de papel. Quando me viu foi logo dizendo...

REBECA - (louca) Já veio me buscar para a cerimônia?

Enfermeiro - Sim.

REBECA - O padre já chegou? O noivo também?

Enfermeiro - Já. Já estão todos lá em baixo à sua espera.

REBECA - Ha muitos convidados? Fizeram muitos doces? Papai está muito contente?

Enfermeiro - Sim, sim, venha, venha. Você não deve fazer os convidados esperarem tanto.

REBECA - Vamos, então. Acerte o passo comigo. (vai cantando compassadamente) (a "Marcha Fúncial" e afastando-se, com passos bem marcados do microfone)

ENFERMEIRO - (narrando) Saiu de braço comigo e foi até à sala dos aparelhos. Quando abri a porta para que ela entrasse...

REBECA - Não, não!... Esse altar não é católico! O papai prometeu que eu me casaria na Igreja Católica. Ele prometeu. Não entro. Não me caso nessa igreja. (deseesperada) Não quero! Não quero! (afastando-se) Não me caso nessa igreja. Não me caso! Não me caso!...

Enfermeiro - (narrando) E saiu a correr desabaladamente pelo corredor. Eu, naturalmente, procurei alcançá-la e ela, disparando sempre, encontrou uma maneira de trepar para o telhado do hospital. Achei perigoso continuar a persegui-la e fiquei no pátio a falar-lhe de baixo. (Projetando a voz) Cuidado, Rebeca, não chague tão na beira do telhado que as telhas estão podres.

REBECA - (afastada, gritando) Venham! Venham buscar-me agora!... Quero ver se me alcançam!... (carregadas de louca)

Enfermeiro - (projetando) Rebeca, tenha cuidado. Você vai cair, menina!

REBECA - (afastada, gritando) Vão ficar todos com ceras de bobos! Eu não me casarei com o noivo que vocês me escolheram! Seu Haroldo está aqui. Vão buscar-me. É com ele que eu vou me casar. Dona Iris morreu. Nós a

envenenamos. E agora eu vou me casar com ele!... (gargalhadas histéricas)

Enfermeiro - (projetando) Rebeca, menina! Essas telhas estão podres. (gritando, desesperado) Não faça isso!... Não faça isso!... Não faça...

REBECA - (afastada, cessa repentinamente as gargalhadas para dar um grito de pavor, como de quem se despenca de grande altura)

CONTROLE - ENTRA COM MUSICA NORTE E TETRICA, ABAFANDO O FIM DO GRITO.

ENFERMEIRO - (narrando) O que eu estava justamente receando, aconteceu. As telhas quebraram e ela caiu nas lajes do pátio, partindo a base do crânio. Teve, ainda, vinte minutos de vida.

Diretor - Logo que o enfermeiro me comunica ao fato que acabou de relatar para o senhor mandei imediatamente avisá-lo, mas, infelizmente, o senhor já não chegou mais a tempo. Ela está morta. Venha comigo. Vou levá-la onde ela está.

CONTROLE - RAPIDO HARPEJO FUNEBRE.

SIMÃO - (voz embargada) Rebeca! Meu filha!... Vestida da noiva... dentro da caixa!... Tem bonito!... A papai non querria que tu mori, Rebeca!... A papai querria que tu fiquei boa, meu filha!... Tu fui caminhei na telhado parra qué? A mōço te avisei que as tēlhas estive podre, meu filha!... E tu fuí assim mesmo, teimosa! Agorra tá aí. Tu mori e a papai fiquei ausinho. E a papai precisava tanto de ti, meu filha, tanto!... Parra que tu mori! Rebeca e dexeí a papai ausinho? (Pausa) Tanta dinheirro papai guardei na baú, parra qué? Agorra que a papai querria dei a dinheirro parra a filha do ele, ela fugi. E a dinheirro que vai fazer com ele agorra? (crescendo) Non vai preestai parra nada! Parra nada! Velho Simon está mais pobre da que nunca porque perdi a sua Rebeca. Non tem mais nada. Mais ninguém. Ninguém gosta do ela. Ninguém quer saber do ele. Velha Simon é uma desgraçado! Ele te fez sofrer, meu filha. Nunca quiz te dar nada... te fez trrabalhei... ele quiz te vendér, meu filha... e tudo éste... com a baú cheia da dinheirro. (Pausa) Mas agorra... agorra ele está pagando os culpas todas porque está sofrendo... (chorando) Oh, Rebeca, Rebeca!... Meu filha tom querrida... Perdom!... Perdom parra a papai do ela!... (deputa a soluçar perdidamente) Perdom, Rebeca, perdom!...

DIRETOR - (depois de pausa grande, ao sinal do diretor, voz sentida) Vamos, homem, coragem. (Tom) Venha comigo.

CONTROLE - CORTINA FUNEBRE

IRIS - que tens para me dizer, Celeste? Vejo nos teus olhos que alguma coisa aconteceu.

CELESTE - que... ele esteve aí.

- IRIS - Outra vez? E entrou?
- CELESTE - Sim. Conversamos mais de uma hora.
- IRIS - Eu já não te havia dito que não o recebesses mais, Celeste? Estás procedendo como criança desobediente? Queres que eu perca a confiança em ti?
- CELESTE - Não, dona Iris. Quero que a senhora seja feliz e sem ele eu sei que a senhora não o será nunca.
- IRIS - Justamente agora que começava a me habituar à ideia de viver sósinha ele deu para repetir constantemente as suas investidas, amparado em ti que não perdes uma só oportunidade de m'o fazer lembrar. Por que não me deixas sossegar? Viver em paz? Por que não me deixas esquecer? Você, principalmente, Celeste, devia ajudar-me, agora que a minha dor já não dóe tanto.
- CELESTE - É o que cre a senhora que eu esteja fazendo sinão buscando ajudá-la? Buscando romper essa muralha de desconfiança que a separa da felicidade?
- IRIS - Ou do infortúnio... quem sabe?!
- CELESTE - Não creio. Agora que todos os impecilhos foram afastados e que à custa de bem amargas experiências ele se convenceu que o seu verdadeiro amor é a senhora, não me parece que nada mais possa impedir a felicidade dos dois a não ser a sua teimosia.
- IRIS - Em que te baseias tu para me afirmar, com tamanha convicção, que o seu verdadeiro amor sou eu?
- IRIS
CELESTE - No seu sofrimento de tantos meses. Eu o tenho acompanhado e posso afirmá-lo. Se a senhora visse como está diferente! Nem parece o mesmo homem de alguns meses atrás. Está magro... pálido... e até envelhecido.
- IRIS - E eu? Como estarei eu, depois dessa longa agonia que tenho vivido? Nunca mais olhei-me ao espelho e quando às vezes lembro-me de fazê-lo, falta-me a coragem. Tenho a impressão de que me assustaria de mim mesma. Que não me reconheceria. Dize a verdade, Celeste. Eu também não envelheci?
- CELESTE - Bem... a senhora está realmente desfigurada, mas... nunca mais quis sair de dentro deste quarto, nunca mais tomei sol, nunca mais afastei o teu pensamento das horas máis que o destino lhe reservou... é natural que o seu organismo inteiro tenha se ressentido com isso. Mas pinta-se, arruma-se, cêia, distraia-se e verá que em pouco menos de um mês terá voltado ao que era antes. Por que não faz isso?

IRIS - Não, não. Por óra ainda não tenho coragem para nada disto. Pode ser que mais tarde...

CELESTE - Quando for tarde de mais? Lembre-se que o tempo não espera e continua passando. (Pausa e tom) Bem, mas afinal eu ainda não lhe disse o motivo principal da visita que recebi hoje. Sabe q que veio fazer hoje aqui o doutor Alexandre?

IRIS - (ligeiro susto) O que, Celeste?

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

CELESTE - Sabe o que veio fazer hoje aqui o doutor Alexandre?

IRIS - (ligeiro susto) O que, Celeste?

CELESTE - Despedir-se de mim.

IRIS - (susto) Despedir-se? Ele vai partir? Para onde?

CELESTE - Vai fazer um curso nos Estados Unidos e ficará lá dois ou tres anos.

IRIS - (abafada) Dois ou tres anos?! E... e quando embarca?

CELESTE - Dentro de vinte dias. (Pausa longa) Que está sentindo, dona Iris?

IRIS - (abafada, fingindo naturalidade) Nada, não. Estava pensando...

CELESTE - Ouça o resto.

IRIS - Tem mais alguma coisa?

CELESTE - Sim. Encarregou-me de lhe apresentar um ultimátum. Se a senhora se resolver a aceitá-lo, casará logo e irá com ele. (Pausa) Se o recusar... ele não voltará nunca mais. (Pausa grande) E então?... (Pausa) Que responde? (Pausa) Fale, dona Iris.

IRIS - (abafada) Não posso responder nada, por óra. Deixe-me pensar alguns dias.

CELESTE - Tres, apenas, dona Iris. Foi o prazo que ele estipulou.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOË - Boa tarde, dona Consuelo.

CONSUELO - Oh, señorita, como está?! Solo ahora la reconozzi, quando hablo. Está tan cambiada!

ENOË - Sim, sim. E além disto... nos vimos uma única vez, há quasi tres meses atrás.

CONSUELO - Verdad. Pero yo de pronto reconosco las personas. Y entonces! Como le vá?

ENOË - Cada vez mais desesperada com o que está para me acontecer. Penso que... dentro de quinze ou vinte dias...

CONSUELO - Si, si. Por lo visto...

ENOË - E agora estou definitivamente resolvida a não permitir que isso aconteça.

aconteça, entendeu

CONSUELO - Pero ahora es imposible, señora. És una loucura sin límites.

ENOË - Loucura ou não... eu estou firmemente disposta a praticá-la. Prefiro matar meu filho a ter de odiá-lo, entende ?

CONSUELO - Pero lo que pasa es que usted tambien podrá morir.

ENOË - Não importa. Já não tenho minha vida em grande conta. Preferível a morte, que é um descanso, a um sofrimento que nunca termine. Pago-lhe o que quizer. Dez mil cruzeiros... vinte mil... trinta mil... contanto que me livre deste fardo de remorso que me oprime e me enlouquece aos poucos.

CONSUELO - Bueno... yo podré hacer lo que quiera, pero... és necessário que usted me haga una declaracion escrita de que todo fué por su voluntad e insistencia. No me adelantarian los treinta miles de cruceros si después fuera a pasar mi existencia en el cárcel.

ENOË - Deixo-lhe a declaração. Deixo-lhe tudo que a senhora exigir, contanto que possa sair daqui livre de tudo isso.

CONSUELO - Mui bem. Entaoes vamos a empezar agora mesmo.

CONTROLE - CORINA MUSICAL TRAGICA. PRENUNCIANDO DESGRAÇA.

CELESTE - Melhorou da sua dor de cabeça, dona Iris ?

IRIS - Um pouco, sim, Celeste. Antes de deitar vou tomar uma dose de calmante e amanhã penso que estarei bem. Tenho pensado muito e isso, além de acalmar-me os nervos, me fatigou.

CELESTE - Amanhã exgota-se o prazo para a sua resposta definitiva ao doutor Alexandre. (Pausa) Não resolveu nada, ainda?

IRIS - quero pensar um pouco mais, antes de resolver qualquer coisa. Todas as vezes que me precipitei em resolver um assunto... arrependi-me depois.

CELESTE - El ficou de passar aqui amanhã à noite, para saber se teria sido condenado ou absolvido.

IRIS - Já pedi a Deus que me inspire nesta última noite, livrando-me de envolver por um caminho que me conduza a males maiores e sem remédio.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA, LONGE.

CELESTE - Istão batendo. Com licença, dona Iris. Eu mesma vou ver quem é porque tenho a impressão de que Belmira já está deitada.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.

IRIS → Bem capaz que seja ele, na esperança de que eu já tenha resolvido alguma coisa antes do prazo que me concedeu. Se ouvisse o que me ordena o coração, há muito que já teria corrido para ele, de braços estendidos, pronta a esmagá-lo de encontro ao meu peito, trêmula de paixão

sôfrega de carinho. Was a razão na orsina que espere. Que o ponha em prova. Que me certifique de que ele realmente me ama. E de que não me exponha, levianamente a mais uma dolorosa e humilhante decepção. Por isso peço hoje fervorosamente a Deus que nesta noite, ainda, determine, por qualquer circunstancia, se devo me aproximar dele mais uma vez ou me afastar para sempre. Deus me apontará o que devo fazer.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.

IRIS - Quem éra?

CELESTE - Um telegrama para a senhora.

IRIS - Telegrama? Deve ser de Enoê. Com certeza recebeu minha última carta bastante aflita pela falta de notícias e quis tranquilizar-me.

CONTRA REGRA - FUIDO DE ABRIE TELEGRAMA.

ASSUNTA - (YRE VALADA) Peço sua vinda imediata. Enoê gravemente enferma. Médico não alimenta esperanças. Assunta.

IRIS - (Depois de ler a carta, abafada) Ouviste, Celeste?

CELESTE - (Depois de observar a mesma pausa de Iris, com voz estarna) Ovi, dona Iris.

IRIS - (Para pausa, e mesma voz) Tenho que partir amanhã... pelo primeiro avião. Ele talvez morra... e eu não posso deixar de confortá-la nos seus últimos instantes. (Pausa) Podes contar com a sua companhia, Celeste?

CELESTE - Naturalmente que sim, dona Iris.

IRIS - Prepare então roupa e malas e arranhã, muito cedo, providencie as passagens.

CONTRA REGRA - CORTINA MUSICAL PRESAGIANDO DESGRAÇA.

CELESTE - Bom dia, minha senhora.

MIMOSA - Bom dia.

CELESTE - O doutor não está?

MIMOSA - Ainda está deitado.

CELESTE - Mas eu tinha necessidade urgente de falar com ele. A senhora poderia despertá-lo?

MIMOSA - Ele dormia muito tarde e anda bastante assado mas si é realmente um caso de urgencia...

CELESTE - Sim, sim. Um caso de muita urgencia, até.

MIMOSA - Nesse caso a senhora tenha a bondade de entrar e esperar um momento que eu vou chamá-lo.

CELESTE - Obrigada. É um grande favor que a senhora me faz.

CONTRA REGRA - PASSOS DE UMA MULHER. PORTA QUE FECHA. MAIS PASSOS DE DUAS MULHERES

MIMOSA - A senhora tenha a bondade de sentar-se um momento que ele não demora.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MIMOSA QUE SE AFASTAM.

CELESTE - (meio tom) Apesar de que nos falamos tantas vezes pelo telefone, parece que, felizmente, ela não reconheceu a minha voz. E eu também não me quiz dar a conhecer porque não sei se ela estará a par do que se está passando com o filho, poderia denunciar-lhe um segredo. Ele vai ficar desesperado quando xmasouber o que está se passando. O pior é que também a ele eu não poderei dizer a verdade. Terei que inventar um outro motivo forte que justifique a nossa partida tão brusca sem citar-lhe, sequer, o nome de dona Enoê. Ele a creê feliz, na Europa, ao lado do marido e essa crença não deve ser desfeita. Também não lhe poderei dar o nosso endereço lá. Ele poderia aparecer inesperadamente e então descobriria tudo. Tenho lá minha prima Constança, em Perdizes, dir-lhe ei que qualquer coisa que queira envie-a aos seus cuidados. Mas ele está demorando e eu tenho tanta pressa!

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

CELESTE - Ah, felizmente ei vem. Bom dia doutor Alexandre.

ALEXANDRE - Você Celeste?!... O que há?!...

CELESTE - Desculpa ter vindo acordá-lo mas não havia meios de evitá-lo. Vamos embarcar dentro de duas horas para São Paulo e eu queria...

ALEXANDRE - (correndo) Vão embarcar para São Paulo? Tão inesperadamente? Por que?

CELESTE - Dona Iris recebeu ontem à noite um telegrama chamando-a com toda a urgência. A sogra está malíssima e deseja vê-la.

ALEXANDRE - Mas e o meu caso como ficará? Ela não vai resolver antes de partir?

CELESTE - Não se falou mais nele, doutor. Ela ficou tão nervosa que eu não achei prudente insistir na solução. O senhor não vai ter outro remédio senão espere que regressemos.

ALEXANDRE - Não, não. Não me conformo. Eu irei ao aeroporto e falarei com ela.

CELESTE - Não faça isso. O senhor vai botar a perder todo o meu trabalho destes longos meses. Não creio que a nossa demora possa ser muita. Pensar que dentro de oito dias já estaremos de volta. Tenha paciência e espere um pouco mais.

ALEXANDRE - Mas se demorarem mais do que esse tempo?

CELESTE - Eu lhe avisarei de lá. Fique tranquilo que eu estarei vigilante.

ALEXANDRE - A que horas embarcam?

CELESTE - As dez. São quasi oito e meia e por isso não posso me demorar mais.

ALEXANDRE - E não vai me deixar o endereço? Se eu precisar me dirigir a você, como farei?

CELESTE - Não tenho o endereço da casa para onde vamos. Saí tão precipitadamente que nem me lembrei de pedi-lo a dona Iris. Mas o senhor pode dirigir-se para minha prima Constança Brione. Aqui tem por escrito o en-

endereço dela. Terei o cuidado de me comunicar com ela diariamente para que possamos entrar em contacto no caso de termos necessidade.

ALEXANDRE - Muito bem, Celeste. E você procure convencê-la de voltar o mais depressa possível. Lembre-se que daqui a 10 dias já eu devo embarcar e caso ela resolva perdoar-me o que muito desejo e restarão poucos para providenciarmos nos papeis de casamento, passaporte para ela e etc.

CELESTE - Esteja tranquilo, doutor Alexandre. Eu tenho a impressão que no máximo em sete dias estaremos de volta. Até breve então, doutor.

ALEXANDRE - Boa viagem e um pronto regresso a vocês.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL . FUNDE COM RUÍDO DE AVIÃO EM VOVO QUE PASSA A B/G

CELESTE - Como se senti?

IRIS - Estou bem, Celeste. Não se preocupe.

CELESTE - Está com olheiras tão profundas... pensei que estivesse sendo tonturas.

IRIS - Estou cansada, Celeste.

CELESTE - Não demoremos a chegar. Disse-me a pouco o comissário.

IRIS - Não é da viagem o meu cansaço. É das bordoadas todas que venho levando. Uma atrás da outra! Parece que a vida se compraz em torturar-me. Tenho por vezes, a impressão de haver nascido numa noite sem lua e sem estrelas, quando os génios do mal torvelinhavam no meio das trevas. Aproveitando a escuridão reinante, apressaram-se do meu destino e desde então nunca mais deixaram de brincar de ciranda em torno da minha vida!

CELESTE - Não desanimes, dona Iris. A senhora ainda terá umas noites de paz.

IRIS - Mas quando, Celeste? Quando? Quando o inverno da velhice, que não tarda, cobrir de neve os meus cabelos e as rugas se espelharem pelo meu rosto? Quando os meus membros se enrijecerem? Quando os meus olhos se enevarem? Quando eu apenas puder saber que há só no céu, perceber vagamente a sua luz e sentir que essa luz já não me aquece? Será tarde demais!...

Uma voz - (fune) Atenção. Dentro de cinco minutos estaremos aterrizando no aeroporto de São Paulo. Queixiram apertar os cintos.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO



ANOITECEU, DESCANSA CORAÇÃO!

(Novela de Érico Cramer)

30º CAPÍTULO

AValiação:
27.10.2011

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

Locutor - Está no ar o último capítulo da novela de Érico Cramer....

CONTROLE - EE SOBE A CARACTERISTICA E CAI EM B/G

Locutor - Anoiteceu, Descansa, Coração!...

CONTROLE - SOBE NOVAMENTE A CARACTERISITCA E VOLTA A B/G

Locutor - No último capítulo que escutamos, deixamos Iris e Celeste a bordo de um avião em voo para São Paulo, de onde a primeira recebera um telegrama, comunicando-lhe que sua filha se encontrava gravemente enferma. E poucos momentos antes da chegada, surpreendemos o seguinte diálogo entre as duas:

CELESTE - A senhora está cansada mas agora já estamos chegando.

IRIS - Estou cansada, sim, Celeste, mas não é da viagem. É das bordoadas que venho levando. Parece que a vida se compraz em torturar-me. Tenho a impressão de haver nascido numa noite sem lua e sem estrelas, quando os genios do mal torvelinhavam no meio das trevas. Aproveitando a escuridão reinante, parece que se apossaram do meu destino e desde então nunca mais deixaram de brincar de ciranda em torno da minha vida!

CELESTE - Não desanime, dona Iris. A senhora ainda terá suas noites de paz.

IRIS - Mas quando, Celeste? Quando?... Quando o inverno da velhice, que não tarda, cobrir de neve os meus cabelos e as rugas se espalharem no meu rosto? Quando os meus membros se enrigecerem? Quando os meus olhos se enbaçarem? Quando eu apenas puder saber que há sol no céu, perceber vagamente a sua luz e sentir que essa luz já não me aquece? Será tarde demais!...

Uma voz - (no fone) Atenção!... Dentro de cinco minutos estaremos aterrizando no aeroporto de São Paulo. Queiram apertar os cintos.

CELESTE - Pronto. Estamos chegando.

IRIS - Queira Deus que ainda encontre com vida a minha pobre filha!...

CELESTE - Se tal acontecer, a senhora precisa ser forte. Lembre-se disto.

IRIS - hei de ser forte, sim Celeste. Deus há de me dar forças para que o seja. Para mentir-lhe que tenho esperanças na sua cura, preciso fazer refletir na minha fisionomia serenidade e confiança, mesmo que não exista no meu coração mais do que agonia e desespero!...

CELESTE - Olhe, já estamos sobrevoando o aeroporto de Congonha. Dentro de poucos instantes estaremos em terra.

CONTROLE - AUMENTA O RUÍDO DE AVIÃO EM VOO E FUNDE COM CORTINA MUSICAL.

ASSUNTA - Desculpe se não fui esperá-la mas não era possível deixar a pobresinha. Ela está tão mal. Está ansiosa à sua espera. A todo o momento me pergunta se a senhora já chegou.

IRIS - (chorosa) Mas que foi o final? Que aconteceu, Assunta?

ASSUNTA - Entre, não perca tempo. Depois conversaremos e eu lhe contarei tudo.

CELESTE - Lembra-se do que me disse no avião. Não deixe que ela perceba nem de levá o seu desanimo. Eu ficarei com Assunta aqui no corredor. Se precisar de mim é só chamar-me.

ASSUNTA - Aonde vá. Ela está ansiosa à sua espera.

CONTRA REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA COM CUIDADO

ASSUNTA - que coisa horrível, meu Deus!... Quis matar a criança, afinal a criança nasceu perfeitamente bem e ela é que vai pagar, com a vida, a loucura que tentou praticar.

CELESTE - Quando vi o telegrama pensei na logo em que havia de ser isso mesmo.

CONTROLE - RÁPIDO HARBIZO.

IRIS - (dominando a emoção e o pranto, muito suavemente) Filha... filhinha querida...

ENOE - (iraca e arquejante) Quem é?...

IRIS - É a mãe que está aqui, querida.

ENOE - Mãe... Mãe... Que bom... que você veio...

IRIS - Vim, sim, minha filha... não podia deixar de vir.

ENOE - Onde estão suas mãos?... Quero beijá-las...

IRIS - aqui as tem...

ENOE - São... tão quentinhas... as minhas... estão geladas... (beijo fraco) Meus lábios também... estou toda gelada...

IRIS - Posso pedir-te mais um cobertor, se queres... quem sabe... uma bolsa quer te...

ENOE - É inútil... Não ha mais... calor nenhum... que me aqueça... Esta frio que tenho... é o frio da morte... que já se aproxima...

IRIS - Não fale assim, filhinha... eu... eu quero que você viva... e estou aqui para cuidá-la. Você vai ficar boa, meu bem.

ENOE - Não, mãe... eu sei... que vou morrer... É o justo castigo... de haver querido... matar o meu filho...

IRIS - (num choque) O seu fi... (corta e se contém) Não diga isso, minha filha. Castigo por que? Naturalmente você... você não o desejava, não é?

ENOE - Não podia... desejá-lo, mãe... Ele seria... a lembrança viva... de um pecado horrível... que cometi... e do qual... eu lhe pediria perdão... de joelhos... se ainda tivesse forças... para me ajoelhar...

- IRIS - Sua mãe... não tem nada que lhe perdoar, minha filha... A culpa... não foi sua... Se me cabe o direito de acusar alguém, esse alguém é a vida que lhe armou tão tremenda cilada. Você foi apenas mais uma vítima e só me cabe lamentá-la...
- ENOE - você é boa, mamãe... sempre o foi... Eu... é que no meu egoísmo... nunca pude compreendê-la...
- CELESTE - (voz da sopra) Há uma outra mulher em sua vida e essa mulher espera um filho dele.
- IRIS - (ansiedade contida) Minha filha... diga-me uma coisa... e... (Pausa)
- ENOE - O que é, mãe-sinha?
- IRIS - Não, não... nada... Ia perguntar-lhe uma coisa mas agora, de momento, ela me fugiu... Dequi a pouco hei de me lembrar e lhe perguntarei...
- ENOE - Mamãe... eu não o queria... mas ela nasceu... Disse-me Assunta... que é um menino... Entrego-o... aos seus cuidados...
- IRIS - Podas... estar tranquila, minha querida... A mamãe... cuidará dele... como cuidou de ti... quando eras pequenina. Saberás dar-lhe todo o carinho... toda a ternura que ainda lhe resta no seu coração desiludido e apertado. Penseste alguma vez... no nome que lhe deverias dar?
- ENOE - Nunca, mãe-sinha, nunca... Pensei... unicamente... em livrar-me dele... e em nada mais...
- IRIS - Escolheremos, depois, um nome bem bonito. Logo que melhores...
- ENOE - (já quase não podendo dominar os seus nervos e o seu pranto) Não terei mais tempo para pensar ainda na morte que se aproxima.
- CONTINUA - ENTRA EM CENAS COM MUSICA CELESTIAL - CROÇO E CORO DE VOZES.
- IRIS - Não fales em morte. A mamãe está aqui a teu lado e ha de defender-te contra ela. Não há de permitir que ela te roube.
- ENOE - Já começo a sentir... umas vozes estranhas... parece que estão cantando... uma musica suave e bonita... cheia de tranquilidade como a que nunca envolveu minha alma desde o momento em que tu me perdoaste, mãe-sinha.
- IRIS - Filhinha querida!
- ENOE - As vozes aumentam... ou se aproximam, não sei... Parecem... anjos que cantam... Ha sombras... que me envolvem... e eu tenho... a impressão de que estou subindo... subindo...
- IRIS - (já quase não podendo dominar os seus nervos e o seu pranto) Filhinha, atende-me. Não te deixes levar. Atende-me. Fica. Fica com a mamãe. Ela te quer muito. Não desaja perder-te...

ENOE - (já num fio de voz) É tarde... Muito tarde... Já não posso... Mã...
mã... (agita-se a respiração, extertura um instante e suspira fundo
morrendo)

IRIS - Enoe! Querida!... (subindo) Enoe! Filhinha!... (já quasi gritando)
querida! Querida!... (já gritando, em desespero) Minha filha! Minha
filha!... Não!... Não!... Não!... Não!... (desata a chorar, desesperada)

CONTROLE - ATENÇÃO! ESPERAR O SINAL DA DIREÇÃO PARA SUBIR BEM O CORO DE VOZES
FUNDINDO COM CORTINA MUSICAL TRAGICA E GRANDIOSA!

IRIS - (sucumbida, voz de pranto) Já... terminou tudo, Celeste?

CELESTE - (num suspiro) Sim, dona Iris.

IRIS - Já... saíram todos?

CELESTE - Quasi todos. Estão, ainda, duas senhoras no quarto de dona Geny.

IRIS - Pobre dona Geny!... Na sua idade... receber dois choques tão grandes
A desflusão... e a perda de sua única neta!... Tenho tanta pena de-
la... que chego a esquecer todas as coisas amargas que me disse...
para só me lembrar do que deve estar sofrendo!...

CELESTE - Eu também tenho pena dela mas não sou boa comoa senhora. Não posso
esquecer as acusações injustas que lhe fez. E quando me lembro que a
senhora a escutou calada, sem uma expressão de revolta, sem um gesto
de defesa, braços caídos ao longo do corpo, a cabeça curvada, olhos
fixos num ponto do assoalho, ~~como~~ uma condenada que escutasse a sen-
tença irrevogável de sua vida, quando poderia gritar-lhe: "Não. A cul-
pa não foi minha. Enoe esteve quatro anos em sua companhia. Se fez m
moça moderna, de ideias independentes, sem querer ouvir conselhos
nem admitir reprimendas, aqui, nesta casa, debaixo deste teto que é
o seu. A culpada foi a senhora e não eu. A senhora, sim. Que lhe fez
todas as vontades, que lhe satisfez todos os caprichos e que lhe per-
mitiu uma liberdade e uma autonomia que ela nunca deveria ter."

IRIS - Não, Celeste. Para que? Para que despertar-lhe a noção de uma culpa
nascida da ternura e da bondade infinita do seu coração de ~~uma~~ avó?
Para que ela sofresse ainda mais, torturada pelo remorso? Seria des-
humano. Foi por isso. Somente por isso que calei e aceitei o peso de
uma culpa da qual, em verdade, a minha consciencia não me acusa.

CELESTE - A senhora é realmente muito boa, dona Iris. Tão boa que eu às vezes
pergunto a mim mesma porque razão terá sofrido tanto?!

IRIS - Sabe-se lá, Celeste? Talvez seja como muitos creem: que esta vida é
uma passagem e que os sofrimentos que nela nos cabem são degraus que
galgamos para a outra, aquela que ~~se~~ fica além muito além do misté-
rio insondável da morte.

CELESTE - Não creio muito nessas histórias, não, dona Iris. Creio muito mais em que Deus seja justo e que, pelos sofrimentos todos que a senhora tem tido, ainda lhe permita uma felicidade que os compense.

IRIS - É tarde demais, Celeste! Muito tarde!... Nada mais espero da vida!...

CONTROLE - CHORO DE CRIANÇA RECENTE NASCIDA, AFASTADO.

CELESTE - Como dona Iris?! Não diga isso, por Deus!... Ouça! (Pausa) É o seu netinho que chora.

IRIS - (depois de pausa) Sim, sim, Celeste... tens razão. Daqui para diante sabe-me uma tarefa... que ha de ser para mim um lenitivo: Terei que ^{embalar} ~~olhar~~ um berço!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRISTE E BONITA.

Locutor - Publicidade.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

ASSUNTA - Canta um trecho de uma canção de ninar à meia voz. Ao findar, aia
acalenta criança durante uns momentos) Ahnn, ahnn, ahnn, ahnn, ahnn,
ahnn... ahnn, ahnn, ahnn... (meio tom) Dormiu, finalmente! Pobresin-
ho!... Os cabelos escuros e crespos... como os da mãe! O narizinho
também como o dela... levemente arrebitado... emprestando-lhe um ar
de arrogancia quando atirava a cabeça para traz. Felizmente, não tem,
por enquanto, nenhum traço do pai. Aque bandido! Aquele clínico! Como
fez sofrer a pobresinha!... Foi ele o culpado da sua morte. E quando
me lembro que no dia em que o coitadinho for um moço ainda poderá
sofrer as consequências da indignidade de seu pai, chego a sentir
ímpetos de procurar aquele infame e dar-lhe um tiro na cara. Nunca
me senti capaz de cometer um crime, mas neste momento sinto o san-
gue calabrez que me corre nas veias, fervilhar, incontido, no desejo
absorvente de ir tirar uma vingança! Mas que adeantaria, afinal? Eu
seria presa e não poderia ajudar dona Iris a cuidar do probrésinho.
A mais castigada seria eu, que terminaria a minha vida nas grades
de uma prisão, enquanto que ele, morto, estaria livre de amarguras e
decepções que Deus não deixará de lhe mandar para castigo das que
fez sofrer a outros. E se eu não houvesse prometido à pobresinha que
ele jamais saberia da existencia deste inocente., iria agora mesmo
revelar-lhe toda a verdade, acusá-lo da morte da pobre menina, para
que ele não tivesse mais um instante de sossego em sua vida! (Pausa)
Dorme, filhinho, dorme que a velha Assunta enquanto viver, ha de ve-
lar por ti!...

IRIS - (Depois de pausa, aproximando-se, passos muito leves, falando em tom
baixo) Ele dormiu, Assunta?

ASSUNTA - Sim. Neste momento.

IRIS - Meu pobre amor!... Tão inocente! Tão sereno!... Que será que te reserva o dia de amanhã?!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CELESTE - Já resolveu sua viagem de regresso, dona Iris?

IRIS - Inda não, Celeste. É à medida que os dias vão passando, mais vou me sentindo escravizada ao pesar de deixar dona Geny sózinha nesta casa. Ele se afeiçoou de tal forma ao menino, que já me parece uma maldade privá-la da presença dele.

CELESTE - Mas afinal, a senhora precisa resolver alguma coisa. Já faz doze dias que estamos aqui e a casa, e tudo o mais, lá estão por conta de Belmira e do Jardineiro. Se está pensando em ficar aqui, podemos dar uma chegada lá, o quanto antes, para desmanchar tudo e dar, finalmente, um rumo definitivo à nossa vida.

IRIS - Não, não, Celeste, não. Não quero precipitar as coisas. Vamos esperar mais alguns dias para que eu possa ver melhor o que devo fazer.

CELESTE - Está bem. A senhora é quem determina e resolve. Eu apenas acomelho.

IRIS - (depois de pausa) Celeste, responde-me uma coisa que te vou perguntar

CELESTE - (dubiosa) Não. Pois não.

IRIS - Aquela história... da enfermeira que vivia com ele... Ela era, não foi, to uma enfermeira, ou...

CELESTE - (depois de pausa) Sei o que está pensando. Era enfermeira, sim. Mas seguro-lhe!

IRIS - E... neste caso... quem teria sido o causador da desgraça de minha filha?

CELESTE - Por tudo que me foi possível deduzir... e também pelo pouco que consegui arrancar de Assunta... só pode ter sido o seu ex-noivo. O senhor Luiz Augusto.

IRIS - Sim, talvez... Interessante... eu estava de tal forma apegada a uma ideia que me torturava tanto, que nem sequer consegui lembrar-me que esse outro rapaz tivesse tomado parte na vida de minha filha.

CELESTE - Bem, mas agora não pense mais nisto. Uma vez que nada mais poderemos adiantar, o verdadeiro é procurar esquecer.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ASSUNTA - Já acordou, dona Iris?

IRIS - Eu não estava dormindo, Assunta. Fiquei muito tempo de olhos fechados para ver se afastava umas visões exquias, que me apareciam em qualquer ângulo do quarto para onde eu dirigisse o meu olhar.

ASSUNTA - Visões, dona Iris?

IRIS - Sim, quer dizer... não eram propriamente visões, entende? ~~EM~~ Era o meu pensamento que transformava os móveis ou os objetos em que eu detinha o meu biliar, em pessoas mortas ou distantes e elas começavam a se agitar diante de mim.

ASSUNTA - Que coisa exquêsita, cruses!

IRIS - Aquele abat-jour, por exemplo, começou a alongar-se, a mover-se para um e outro lado, criou pernas, braços, e, de repente, no lugar da cúpula surgiu o rosto de Haroldo. Logo a seguir, aquele pequeno bibelot de sévres que ha sobre aquela mesinha, começou a mover-se também, a crescer, a agitar-se e, em pouco, todo ele se havia transformado no meu neto. Haroldo segurou-o pela mão, foi levando-o, olhando sempre para trás e rindo.

ASSUNTA - A senhora sabe o que é isso? Fraqueza. Não se alimenta nada, não dorme, não quer tomar remédios nem calmantes... o resultado aí está.

IRIS - Agora vou começar um tratamento, sim, Assunta. Já não posso abandonar-me por completo. Tenho uma missão a cumprir.

ASSUNTA - Tem, sim. Uma missão muito importante.

IRIS - E ele? Está dormindo?

ASSUNTA - Sim. Dei-lhe a mamadeira às três horas e dormiu logo em seguida. Dona Celeste me pediu para p dizer-lhe caso a senhora despertasse antes dela voltar, que ela foi à casa da sobrinha. Aquela moça... Constança Brione, que esteve aqui outro dia, visitando-a.

IRIS - Sim, eu sei quem é. E por falar em Celeste, Assunta, eu desejava fazer-lhe uma pergunta.

ASSUNTA - Pode não.

IRIS - Antes, entretanto, você vai me jurar, pela amizade que sempre dedicou a minha filha, que ha de me dizer a verdade.

ASSUNTA - Senhora... eu penso que nunca lhe faltei com a verdade. Não vejo razão para exigir-me agora um juramento.

IRIS - Há uma razão, sim, Assunta. Não é por você mas há uma razão. Derris que lhe tenha feito a pergunta, você há de compreender.

ASSUNTA - Pois bem, sendo assim... juro-lhe que só direi a verdade. (Pausa) Fale.

IRIS - (depois de pausa) Quem foi o causador de tudo o que aconteceu com minha filha? (Pausa) Vámon, Assunta. Lembra-se que jurou dizer-me a verdade.

ASSUNTA - Mas... e se eu houvesse jurado a ela que nunca o diria a ninguém?

IRIS - E não você teria que dizer porque... admitamos, por hipótese, que

pudesse ter sido uma creatura a quem eu tambem tivesse amado e que... por volta do destino... apparecesse novamente em minha vida... Você

teria a coragem de permitir que se consumasse tamanho sacrilégio?

ASSUNTA - Não, não. Isso eu não poderia permitir de forma alguma. Teria mesmo a obrigação de avisá-la imediatamente.

IRIS - Pois bem, responda-me então: foi ele?

ASSUNTA - (pausa emocionada) Sim, dona Iris. Foi. (Pausa longa) 'ardô-me, dona Iris. Vejo que a fiz sofrer. Talvez devesse ter mentido para a senhora.

IRIS - Não, não, Assunta. Fizeste bem. Muito bem. Embora a tua confissão deixo parasempre o meu coração esmagalhado, ainda assim ei te agradeço por me teres confessado a verdade.

ASSUNTA - Agora, peço-lhe q eu que não diga uma só palavra a dona Celeste do que se passou hoje entre nós. Ela me pediu tanto quando lhe dissesse nada...

IRIS - Esteja descansada, Assunta. Diante dela, hei de ter sempre o cuidado de fingir que ignoro a extensão desta horrorosa miseria.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

MIMOSA - (chorosa) Você já vai, meu ~~filho~~ filho?

ALEXANDRE - Sim, mamãe. O avião deve sair dentro de uma hora e eu tanto que estar no aéro-porto algum tempo antes.

MIMOSA - Eu vou sentir tanta falta sua, meu filho, tanta!... Escreva um segáo, sim, meu filho? Lembre-se que a mamãe vai ficar aqui sózinha e ralada de saudades.

ALEXANDRE - Escreverei todas as semanas, mamãe. Pode ficar descansada. Dona Gulália me prometeu, ontem, que hoje já viria ficar aqui com a senhora e que lhe fará companhia até a minha volta.

MIMOSA - Você vai demorar muito, meu querido, vai?

ALEXANDRE - Tudo depende dela, mamãe. Passei-lhe um telegrama para São Paulo, pedindo-lhe que fosse ao Rio encontrar-me. Si ela fizer o que lhe peço, casaremos, ela irá comigo e então farei um curso rápido. Dentro de seis meses deverei estar de volta.

MIMOSA - E se ela se recusar a ir encontrá-lo?

ALEXANDRE - Nesse caso, mamãe... nesse caso penso que não voltarei nunca mais.

MIMOSA - Como, meu filho?... Você pode pensar uma coisa dessas?

ALEXANDRE - Sim, mamãe. Nesse caso não desejarei mais voltar aqui. A senhora irá para a minha companhia e ficaremos residindo lá. (Tom) Bem, mamãe, agora eu vou que não deesejo chegar tarde ao aéroporto.

MIMOSA - (chorosa) Vai, meu filho, vai. E que Deus te acompanhe, meu querido.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, EMENDA COM RUÍDO DE AVIÃO EM VOO. NOVA CORTINA

CELESTE - Recebeu o recado que deixei com dona Assunta?

IRIS - Sim, Celeste, recebi. Você foi visitar sua sobrinha, não é?

CELESTE - Exatamente. Estava sem ter o que fazer... lembrei-me que a senhora poderia resolver a viagem de volta assim de um dia para outro... poderia tornar-se difícil procurá-la na ocasião...

IRIS - Ela vai bem?

CELESTE - Muito bem, felizmente. (TOM) Ah, é verdade, dona Iris... quando ia entrando de volta em casa, recebi um telegrama para a senhora. Deve estar aqui na minha bolsa. Nem sei porque o puz na bolsa... Por distração naturalmente... Ah, aqui está.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE QUEM ABRE UM TELEGRAMA

CELESTE - (depois de pausa) O que foi? A senhora empalideceu de repente...

IRIS - (idem) Veja, Celeste. É dele o telegrama.

ALEXANDRE - Bico amanhã Rio de Janeiro afim embarcar dentro trez dias Estados Unidos. Peço-lhe, encarecidamente, ultima vez, vá encontrar-me Rio, afim seguirmos juntos viagem lua de mel Washington. Aguardarei ansioso Hotel Serrador. Alexandre.

CELESTE - (depois de pausa) E então? Que resolve? Agona nada mais a impede de ser feliz ao lado dele.

IRIS - Ha entre nós... o berço de meu neto, Celeste.

CELESTE - Mas eu e dona Assunta tomaremos conta do menino, dona Iris. Na sua volta a senhora se encarregará novamente dele.

IRIS - Não, Celeste. Não é mais possível. Olhe bem para mim e ha de saber porque lhe digo isto.

CELESTE - Francamente... não sei o que a senhora quer dizer...

IRIS - Hoje, Celeste, depois de tanto tempo... olhei-me novamente ao espelho. A impressão que tive de mim mesma foi terrível. Uma impressão de abandono... de miséria... de ruína!... Envelheci quinze anos nestes quinze dias tumultuosos que passaram!... Estou uma velha e o que é pior, uma velha desiludida, crivada de rugas e de cabelos brancos. O sofrimento deixou, profundamente assinalados no meu rosto, os vestígios da sua passagem pela minha vida! Não sou mais que uma sombra da Iris que era ontem!... Minha pele enrugou... meus olhos se apagaram... e minha boca adquiriu um título de agonia que a enfeia e transforma! E não sei mais dizer palavras amáveis a ninguém. Meus lábios só articulam queixas! (Pausa) Minha filha está morta! E eu luto, em vão, para pen-

pensar nela de maneira diferente. Quero lembrar-me, apenas, do seu orgulho, dos seus defeitos, das brigas que tivemos para não sofrer tanto agora. Mas o que está em mim, no meu coração, agarrada à sua lembrança, é uma frase que ela me disse, cheia de ternura, nos seus últimos instantes de agonia...

- EVONÉ
LAÍS - (ofegante, sussurro) Mamãe... querida... perdão...
- LAÍS - Perdoar-lhe o que? Poderá alguém ser um culpado de amar a outro alguém quem?
- CELESTE - Claro que não. É justamente por isso é que me parece que a senhora não deve renunciar ao seu amor.
- IRIS - Mas eu já não o amo, Celeste. Pelo menos... se ainda existe amor no meu coração, já não é mais aquele amor impetuoso e ardente que nos obriga a cerrar os olhos a tudo. Quando me lembro dele, a sua imagem me aparece aos olhos do pensamento como se houvesse entre nós uma cortina transparente mas que não me permitisse distinguir-lhe nitidamente as suas feições. É a cortina de vidrilho das lágrimas chovendo por mim e por minha filha!
- CELESTE - Mas essa cortina desaparecerá, à medida que o tempo passe e o coração se refaça.
- IRIS - Não creio, Celeste. Não posso crer!
- CELESTE - E se isso acontecer um dia, e nesse dia o coração se levantar, revoltado, pedindo-lhe contas da felicidade que era dela e que a senhora lhe negou?
- IRIS - Eu voltarei à frente de um espelho, com mais rugas e mais cabelos brancos, far-lhe-se constatar a inutilidade da sua revolta e dir-lhe-ei baixinho, tranquila e resignada... É tarde!... Anoiteceu!... Encaneca, coração!...

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DA NOVELA.

FIM DO 30º CAPITULO

Libéria